



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**JONAE LIMA PONTES**

**SACERDOTISA DA NOVACAP: A TRAJETÓRIA MÁGICA DE TIA NEIVA E A  
MODERNIZAÇÃO DO CENTRO-OESTE**

**FORTALEZA**

**2021**

JONAE LIMA PONTES

SACERDOTISA DA NOVACAP: A TRAJETÓRIA MÁGICA DE TIA NEIVA E A  
MODERNIZAÇÃO DO CENTRO-OESTE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia. Área de concentração: Sociologia da Religião e da Cultura.

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- P858s Pontes, Jonael Lima.  
Sacerdotisa da Novacap : A trajetória mágica de Tia Neiva e modernização do Centro-Oeste / Jonael Lima Pontes. – 2021.  
82 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2021.  
Orientação: Profa. Dra. Andrea Borges Leão.
1. Religião. 2. Vale do Amanhecer . 3. Tia Neiva . 4. Novacap. I. Título.

CDD 301

---

JONAE LIMA PONTES

SACERDOTISA DA NOVACAP: A TRAJETÓRIA MÁGICA DE TIA NEIVA E A  
MODERNIZAÇÃO DO CENTRO-OESTE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia. Área de concentração: Sociologia da Religião e da Cultura.

Aprovada em: 27 / 01 / 2021.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Andréa Borges Leão. (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mariana Mont Alvern Barreto Lima  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Emanuel Freitas da Silva  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

*“A tolerância é a melhor das religiões”*  
Victor Hugo

## AGRADECIMENTOS

Ao Senhor Deus, por me revestir de forças e sabedoria e pelo cuidado neste momento de pandemia tão difícil para a humanidade.

A minha mãe Dulce (descansa na Glória), muito obrigado por tudo nesta árdua caminhada que é viver.

Às minhas irmãs, uma parte de mim. Aos meus sobrinhos e a todos os meus familiares por multiplicarem os momentos felizes e dividirem as angústias da vida.

Aos meus amigos, Nara Coelho, Beatriz Juvêncio, Thiago Krubniki, Jaiane Tavares, Daniela Nepomuceno e Ed Medeiros.

Ao programa de Pós-graduação em Sociologia da UFC, por me receber. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que tornou esta pesquisa possível, graças ao investimento financeiro.

À minha orientadora, professora Andréa Leão, por ter acreditado no meu trabalho, pela dedicação e incentivos depositados em minha trajetória acadêmica desde a graduação. Aos professores por comporem a banca avaliadora e pela valiosa contribuição dada a esta dissertação.

## RESUMO

Esta pesquisa objetiva compreender como se deu a Trajetória de Neiva Chaves Zelaya e a constituição de sua doutrina do Vale do Amanhecer (VDA). As investigações aqui conduzidas orientam-se pela tentativa de apreender o porquê do surgimento de religiões – sobretudo, esotéricas como o VDA – no cenário do surgimento da NOVACAP – Nova Capital, assim como ficou conhecida Brasília na sua construção. Tais discussões, propõem que os agentes que operam tais práticas religiosas receberam incentivo por parte do Estado assim como outras religiões que surgiram dentro do mesmo panorama. O corpus deste trabalho constituiu-se pelo levantamento e análise de diversos manuais de publicações veiculadas pelo próprio VDA, visitas a rituais (antes da pandemia de Covid-19) de modo a compreender o fenômeno estudado. Esta pesquisa apresenta, portanto, caráter qualitativo dada sua intencionalidade em explorar as práticas dos agentes envolvidos neste contexto e os significados compartilhados em cada uma das entrevistas, fotografias e trabalhos acadêmicos acerca do tema estudado. Identifico assim a construção de representações sociais em torno da ideia de Religião. Apresento como hipótese geral a ideia de que o surgimento do VDA teve imenso incentivo do Estado (modernização do Centro-Oeste) através das redes de interdependência que Tia Neiva estava inserida.

**Palavras-chave:** religião; Vale do Amanhecer; Tia Neiva; Novacap

## **ABSTRACT**

This research aims to understand how the trajectory of Neiva Chaves Zelaya took place and the constitution of his doctrine of Vale do Amanhecer – VDA. The investigations conducted here are guided by the attempt to apprehend why the emergence of religions in the scenario of the construction of NOVACAP-Nova Capital, just as Brasilia was known in its construction. Such affect, propose that the agents that operate such religious practices received encouragement from the State as well as other religions that emerged within the same landscape. The corpus of this work consisted of the survey and analysis of several manuals of publications published by the VDA itself, visits to rituals (before the Covid-19 pandemic) in order to reconstruct the perception about the studied phenomenon. This research, therefore, has a qualitative character given its intention to explore the practices of the agents involved in this context and the meanings shared in each of the information, photographs and academic works related to the studied theme. I thus identify the construction of social representations around the idea of Religion. As a general hypothesis, the idea that the practices of VDA had an immense incentive from the State through the interdependence networks that Tia Neiva was inserted is presented.

**Key words:** religion; Vale do Amanhecer; Tia Neiva; Novacap



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Neiva Chaves Zelaya ao lado de seu caminhão .....	22
Figura 2 - Tia Neiva em 1958.....	24
Figura 3 - Área externa do Templo Mãe.....	29
Figura 4 - Indumentárias Ninfa Lua .....	44
Figura 5 - Trabalhadores da Falange de Anunciação Missionária .....	46
Figura 6 - Pátio do Templo o Amanhecer.....	50
Figura 7 - Trabalho de Tronos.....	51
Figura 8 - Ficha de Autorização de Trabalhos.....	53
Figura 9 - Tia Neiva no lago (Templo Mãe).....	68

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>RELIGIÃO E SOCIEDADE .....</b>	<b>11</b>
<b>1.1</b>	<b>Tia Neiva e sua trajetória mágica no Centro-Oeste .....</b>	<b>16</b>
<b>1.2</b>	<b>Cosmologia do VDA .....</b>	<b>25</b>
<b>2</b>	<b>BANQUETE ESPIRITUAL NO VALE DO AMANHECER.....</b>	<b>37</b>
<b>3</b>	<b>O CAMPO NO VALE DO AMANHECER.....</b>	<b>50</b>
<b>4</b>	<b>NOVACAP .....</b>	<b>67</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>75</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>79</b>

## 1 RELIGIÃO E SOCIEDADE

A construção das estruturas que formam o mundo social, pelos indivíduos, é uma realização mútua, isto é, ocorre através de um esforço coletivo. É através da relação do homem com seus pares que acontece a apropriação do mundo social, dos significados, dos símbolos, da linguagem e da cultura. "A sociedade é um fenômeno dialético por ser um produto humano" (BERGER, 1985, p. 15). Assim, as construções de laços formam sentidos e mantém os seres humanos conectados, fornecendo suporte à existência de uma identidade, gerando estabilidade, sendo estes frutos também da religião (BERGER, 1985).

A religião permeia as diversas figurações da vida em coletividade; produz uma moral, uma consciência coletiva e uma determinada ética, orientando ações individuais e coletivas. Este fenômeno é de extrema importância para entender a dinâmica social. Através da investigação e pesquisa é possível se deparar com a realidade que move e dá sentido à vida dos indivíduos.

Assim como pensaram os clássicos da Sociologia, a importância de estudar a religião se encontra na compreensão tanto das práticas e representações, como do sentido das ações. No esforço de compreensão do comportamento humano, a religião se faz presente como uma das esferas da vida social que merece um destaque relevante, por seu importante papel nas regulações de conduta, formação de subjetividades, tessitura de regras morais, construção de identidades e produção de sentidos das ações dos indivíduos.

Essas práticas religiosas são diversas e plurais, impondo ao pesquisador pensá-las a partir da diversidade que caracteriza a realidade social. A gama de religiões existentes no Brasil torna um espaço privilegiado para compreender a pluralidade de sentidos por meio do sincretismo que o compõe. Essas práticas são diversas, assim como a realidade social, que é complexa e não unívoca. Pensar a configuração religiosa no Brasil é, ao primeiro momento, se deparar com a diversidade e a pluralidade de religiões, doutrinas, seitas, credos e demais manifestações que contribuem para que se congregue um pujante sincretismo.

É possível observar dentro desse cenário, a existência de religiões que são hegemônicas e figuram como centrais nas crenças dos brasileiros. O Catolicismo (Cristianismo) é a religião com o maior número de adeptos, totalizando 172,2 milhões,

número que também coloca o país no primeiro lugar do ranking de cristãos/católicos no mundo. Este número representa 26,4% de todos os fiéis que professam a fé cristã católica no continente americano. Estes dados fazem parte do “Anuário Pontifício 2017”<sup>1</sup> e “Anuário Estatístico Eclesial 2015”<sup>2</sup>. O conjunto de religiões cristãs/protestantes figuram como a segunda maior manifestação religiosa brasileira. A previsão é de que em 2032 o número de protestantes tenha superado o de católicos, isso se deve ao seu constante crescimento<sup>3</sup>. Enquanto o número de católicos recua há uma curva crescente no número de protestantes.

É importante destacar esses dados para entender de maneira geral o panorama das religiões no Brasil, e compreender que, apesar das grandes vertentes do Cristianismo (Catolicismo e Protestantismo) ocuparem um espaço de destaque na sociedade, existem outros movimentos religiosos que merecem apreciação e investigação. O movimento religioso evidenciado para esta pesquisa vai para além das religiões tradicionais brasileiras, no caso, o Vale do Amanhecer – VDA.

Inicialmente ressalto que essa dissertação de mestrado é uma continuidade da minha pesquisa de monografia, minha área de estudo permanece a mesma – na temática da religião — exceto o recorte, que foi modificado. Conheci o VDA em 2014, quando iniciei minha graduação em Ciências Sociais, naquele momento surgiu o desejo de produzir algo que se debruçasse a entender aquela manifestação religiosa.

O VDA no Ceará possui 37 templos em atuação, sendo o principal o Templo Gamúrio do Amanhecer, sede estadual do VDA que fica no bairro Coaçu, em Fortaleza. Na verdade, a espacialidade é um pouco confusa, Coaçu é um bairro de Fortaleza, mas os frequentadores e os adeptos consideram que o território fica no Eusébio – cidade da região metropolitana da capital cearense - então, por vezes, é possível identificar essa inconsistência na localização do templo. Mas, oficialmente ele está localizado na cidade de Fortaleza, e é o maior templo do estado.

---

1Disponível em: <http://arquisp.org.br/anuario-pontificio-2017-revela-os-dados-da-igreja-no-mundo>  
acesso em: 03/08/2020

2Disponível em: <http://arquisp.org.br/anuario-pontificio-2017-revela-os-dados-da-igreja-no-mundo>  
acesso em: 03/08/2020

3 Esse dado é do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Divulgado pelo sociólogo José Eustáquio Alves (ENCE/IBGE), no seminário “Religião e Política: um olhar sobre o campo religioso brasileiro”, ocorrido na PUC-SP, entre 10 e 11 de maio de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=plRmttAXYgo>. Acesso: 28/07/2019

De acordo com entrevista, concedida no dia 24/06/19, no Templo Gamúrio do Amanhecer pelo Sacerdote responsável, à escolha por tal localização se justifica pelo fato do lugar estar cercado por matas, espaço favorável à “manipulação de energias” oriundas de outros planetas, uma vez que tal vegetação figura como conectivo entre campo espiritual e material. Essa espacialidade seria, portanto, propícia à atuação de entidades como, por exemplo, “caboclos das matas”, dentre outros que necessitam dessa proximidade física para suas incorporações.

A concepção de incorporação parte aqui do entendimento de Roger Bastide, em o Sagrado Selvagem, “Uma vez que a possessão consiste em ser habitado por uma divindade e em representar esta divindade - ou seja - consiste numa mudança de personalidade (os africanos dizem que uma parte de nossa alma é então expulsa para ser substituída pelo deus), é evidente que se é possuído por um deus guerreiro ou mau, a crise de que se exprimirá será violenta e com desencadeamento muscular, enquanto que se é possuído por um deus do amor, da água doce ou da chuva benfazeja, a crise que se exprimirá será, pelo contrário calma”. (BASTIDE, 2006. Pág. 13). Assim, se dá, por exemplo, a incorporação de um Preto Velho, em que o médium performa a figura de um ancião. Em suma, um indivíduo que é médium, ou seja, possui o poder de mediação do mundo físico com o mundo dos espíritos, isto lhe dá a capacidade de incorporar, ou seja, integrar um espírito, usando o seu corpo como uma espécie de recipiente para a atuação de uma entidade.

Este equipamento funcionou como meu campo empírico – tanto na minha pesquisa de graduação quanto de mestrado — a partir de 2016. A escolha desse templo se deu porque ele comporta todos os trabalhos e rituais – da mesma maneira que a sede nacional, no Distrito Federal. Os trabalhos – rituais que são realizados durante as cerimônias que acontecem no VDA — possuem ordenamentos e significados voltados para seu objetivo principal: alcançar um tratamento espiritual e curativo.

Atualmente, a Doutrina do Amanhecer conta com 800 mil praticantes, estando dentro do espectro das religiões esotéricas (HAYES, 2013); é entendido por seus adeptos e frequentadores como um hospital espiritual que inicialmente hierarquiza como trabalhadores e pacientes os indivíduos que o buscam. Na relação de cura dos pacientes, os fundamentos dos rituais partem do xamanismo, entendido como “um conjunto de métodos extáticos e terapêuticos cujo objetivo é obter o contato com o universo paralelo, mas invisível, dos espíritos e o apoio destes últimos na

gestão de assuntos humanos” (ELIADE; COULIANO, 1999, p. 267), amparados pela lei do auxílio e da caridade, um trabalho que é feito de forma voluntária e direcionado a “ajudar os irmãos que sofrem”.

Segundo José Jorge de Carvalho, em “Um Espaço Público Encantado: Pluralidade Religiosa e Modernidade no Brasil”, de 1999, o VDA é a religião mais sincrética do mundo, por aglutinar uma série de elementos de religiões, hegemônicas e não hegemônicas. Sendo possível encontrar no VDA elementos tanto do cristianismo quanto de religiões de matrizes africanas; esse sincretismo foi o objeto de investigação na minha monografia; procurei entender como essas religiões, como esses signos e símbolos que são retirados dos seus contextos originários são acomodados e conformados dentro do VDA.

Alguns desses elementos têm contextos díspares e dentro do VDA eles são ajustados, produzindo uma organicidade, demonstrando que a Doutrina do Amanhecer se constitui por vezes ressignificando signos. Defronte a esse fenômeno do sincretismo, perscrutei na minha pesquisa monográfica sobre como o espaço multicultural do VDA (CARVALHO, 1999) se configura enquanto lugar sincrético e de que forma essas reapropriações estão sendo realocadas dentro do campo social religioso (BOURDIEU, 2008).

Há diversas pesquisas no campo da Antropologia e Sociologia da religião que analisam o tema do sincretismo religioso. O VDA é pensando essencialmente como um espaço de hibridismo. Assim como pontua Carvalho o VDA se compreende como essa religião que está na margem do campo religioso:

O modo mais comum de definir essa articulação é partir da ideia de que todos esses movimentos religiosos fundamentalmente dialogam - com maior ou menor possibilidade de compatibilizar suas visões de mundo - com a religião até agora hegemônica no país: o catolicismo. Contudo, proponho exercer aqui uma inversão radical dessa construção teórica e tentar entender essa articulação tão rica da religiosidade brasileira contemporânea vendo-a do ponto de vista das religiões ditas periféricas ou marginais - as religiões chamadas em geral de espíritas - as quais na verdade permeiam o espaço de interlocução especificamente religioso que identifica o país (CARVALHO, 1999. Pág. 2-3)

O meu interesse anterior era justamente compreender esse sincretismo. A minha conclusão foi que o VDA é um grande “banquete espiritual”, pois os agentes chegam neste equipamento e encontram elementos vindos de sua religião originária, o que produz uma identificação no campo simbólico, embora estes elementos sejam rearranjados e reelaborados, existe naquele momento, a produção da crença.

Há dois trabalhos importantes na área da Sociologia da religião que ajudaram como material bibliográfico, do autor Amurabi Oliveira, que na sua dissertação: “Dinâmicas Culturais e Relações de Reciprocidade no Vale do Amanhecer: Um Estudo de Caso Sobre o Templo de Campina Grande, 2008” e em sua tese de doutoramento: “Entre Caboclos, Preto-Velhos e Cores: A imersão dos sujeitos no universo místico-esotérico do Vale do Amanhecer, 2011”, em que toma o VDA como objeto. Na sua dissertação, Oliveira tenta compreender o que ele chama de “*habitus* do VDA”, ancorado na teoria de Bourdieu. Averigua como se dá a construção de tal sedimentação disposicional no VDA, quando os agentes chegam naquele espaço com uma história das instituições que frequentaram anteriormente nos seus corpos, trazem um *habitus* consigo, por exemplo: um indivíduo advindo do protestantismo possui um *habitus* próprio do cristianismo, quando chega ao VDA ele se identifica com algum elemento ali dentro, com algum símbolo, e a partir disto incorpora o *habitus* da Doutrina do Amanhecer.

Mas o que seria esse *habitus* da Doutrina do Amanhecer? É justamente essa multiplicidade, essa pluralidade que forma os agentes na doutrina. Na sua tese de doutoramento ele trabalhou colocando o VDA dentro do que ele chama de “*New Age* à brasileira” - nova era à brasileira. Porque o VDA também incorpora elementos da *new age*, é uma doutrina que segundo as crenças dos adeptos, tem a missão de levar a humanidade ao terceiro milênio. Então, isso se caracteriza, segundo Siqueira (2010), como uma religião nova erista, com essa missão de colocar a humanidade num patamar de evolução, e só através dessa doutrina isso seria possível. O VDA é uma religião que existe no Brasil desde a década de 1960 e que atualmente continua em expansão apresentando-se como um dos principais expoentes da *New Age* – ou Nova Era.

Especificamente pretendo me debruçar na trajetória da fundadora do VDA, Neiva Chaves Zelaya (1925-1987), conhecida pelos adeptos da doutrina como “Tia Neiva”. Intenciono situar os percursos de Tia Neiva, evidenciando os fatores que contribuíram para que ela conseguisse construir este movimento plural e sincrético, e compreender como se deu a construção dela enquanto sacerdotisa.

Para cumprir a proposta de análise da trajetória de Tia Neiva recorro ao conceito de Bourdieu. Para isso, realizo o enquadramento do campo a ser estudado, no caso, o campo religioso que nasce junto com Brasília. Falando de forma mais precisa sobre o conceito de trajetória, Bourdieu aponta que, uma trajetória é a

objetivação das relações entre os agentes e as forças presentes num determinado campo. Esse tensionamento resulta em uma trajetória, que “diferentemente das biografias comuns, descreve a série de posições sucessivamente ocupadas pelo mesmo escritor em estados sucessivos do campo literário” (Bourdieu, 1996b). O conceito pode ser empregado intercambiando a figura do escrito pela sacerdotisa e o campo literário pelo religioso, sem perder o sentido ou alterar a definição. Assim, proponho questionamentos de partida: como ela conseguiu fundar o VDA? Quem foi Tia Neiva? O que permitiu que essa religião se consolidasse e permanecesse hoje 50 anos após sua gênese?

### **1.1 Tia Neiva e sua trajetória mágica no Centro-Oeste**

Para conseguir entender a trajetória de tia Neiva, me debrucei primeiro sobre as informações escritas por ela em sua autobiografia<sup>4</sup> bem como em material bibliográfico de produção do VDA, assim como os trabalhos acadêmicos na área. A minha ideia é utilizar a teoria eliasiana, inicialmente, tratando da trajetória dela não como individual e singular, mas situando-a dentro do processo de modernização do Brasil através da construção de Brasília.

Colocando Tia Neiva nesse fluxo, é possível entender que, naquele momento, o país passava por um processo de grande transição e de modernização. Brasília se coloca como grande celeiro de religiões esotéricas (SIQUEIRA, 2003). Através da teoria de Norbert Elias (Teias de interdependência)

assim como outros teóricos, quero entender quais foram esses fluxos, qual o contexto em que Tia Neiva estava inserida e quais as suas redes de interdependência.

É inegável a importância da sociologia eliasiana não apenas para as Ciências Sociais em particular, como também para o grande campo das ciências humanas. É possível afirmar que Elias propõe uma abordagem interdisciplinar que põe a Sociologia em diálogo permanente com outros campos do saber.

Assentado em chão histórico, Elias apresenta em sua obra aquilo a que denomina sociologia dos processos, dando provas de que aspectos macro e

---

4 Tia Neiva, autobiografia Missionária. Brasília, 1992



microsociológicos podem ser analisados em uma perspectiva de longa duração. Assim, a situação cronológica dos fenômenos estudados torna-se um recurso importante para compreender a realidade presente.

Ao tomar a relação indivíduo-sociedade à qual Elias (1994) se dedica ao longo de sua produção, é possível conduzir um excelente exercício para situar esse objeto de estudo a partir da lente processual a qual orienta a abordagem Eliasiana. Esse esforço que produzi, versa justamente sobre o processo que é inerente a própria história humana. A minha perspectiva foi, portanto, colocar Tia Neiva dentro do fluxo da construção da nova capital brasileira.

Tomando a relação indivíduo-sociedade como objeto de estudo, Elias a dissecava observando não apenas como se apresenta no presente momento de sua análise, mas considerando-a como resultante de um longo processo de transformações sociais em que é possível observar certa mudança, certa ordem e certa direção. Todavia, isto não implica que tal ordem e direção não estejam suscetíveis à alterações em seu curso, dado que Elias considera que as sociedades humanas estão em permanente fluxo.

Assim, a relação indivíduo-sociedade está sujeita à alterações que podem ocorrer numa direção ou noutra, por isso Elias considera importante investigar o desenvolvimento pelo qual passa tal relação; desenvolvimento no sentido de transformações sócio-históricas e não numa acepção valorativa, ou que suponha progresso ou alcance de uma etapa final em que os indivíduos serão mais felizes (ELIAS, 1994).

Analisar a relação indivíduo-sociedade a partir de uma ótica processual permite identificar aspectos que são de caráter regular, ou seja, aquilo que é de ordem estrutural, como também aspectos dinâmicos passíveis de transformações no curso histórico.

Desta maneira, a análise sociológica deve estar atenta à ordem que assume esta mudança no âmbito de tal relação e identificar que a posição ocupada pelo indivíduo em determinada sociedade e as estruturas de sua personalidade podem se reconstituir de maneira específica e de forma processual (ELIAS, 1994, 2001, 2011). A perspectiva de longa duração também orienta a forma como Elias compreende a construção do conhecimento. Para ele, o conhecimento se acumula de maneira sistêmica e sua forma presente nunca é resultado de uma época ou momento específico. A este respeito:

“Em geral”, os avanços no conhecimento humano ainda são largamente concebidos como um amontoado de detalhes, como massas de banalidades históricas, dificilmente como aspectos de um processo social de longo prazo que requer uma explicação de uma teoria sociológica de largo escopo. [...] À luz do problema dos avanços de longo prazo do conhecimento em determinados campos, podemos enxergar melhor que muitas das teorias sociológicas contemporâneas do conhecimento assumem uma visão de curto prazo em relação aos seus objetos (ELIAS, 2008, p.536-537).

Elias (2008) assume, portanto, uma crítica às perspectivas teóricas que negligenciam o caráter processual do conhecimento, apoiando as evidências de suas análises a aspectos restritos e muito específicos. É interessante irmos além nas críticas que Elias direciona a certas abordagens teóricas, pois estas muito nos dizem sobre os instrumentais metodológicos adotados pelo autor na condução de seus estudos.

Agora, um levantamento sobre a vida de Tia Neiva, dentro do processo de saída do Nordeste, assim como os candangos que, atuaram no içamento de Brasília. Nascida em uma família católica, a responsável por fundar o VDA foi uma nordestina sergipana que nasceu na cidade de Propriá em outubro de 1925, chamada Neiva Chaves Zelaya (1925-1985). Ainda adolescente, se muda com a família para cidade de Jaraguá, no estado de Goiás. O sobrenome Zelaya veio com seu casamento, em 1943, aos 18 anos de idade, com Raul Alonso Zelaya, um entusiasta das políticas de integração nacional.

No que se refere à abordagem histórica com qual se deparou no momento de suas investigações, Elias (2001) fez dura oposição à perspectiva que supunha um caráter único aos acontecimentos e que considerava as liberdades individuais balizadoras nas tomadas de decisões. Elias constrói seu projeto sociológico exatamente em oposição a tais modelos analíticos. Para ele, as transformações ocorridas em determinadas épocas não dizem respeito ao voluntarismo de sujeitos isolados, mas sim a uma teia de relações entre sujeitos interdependentes. Para Elias, a relação indivíduo-sociedade não cabe em outra perspectiva que não a relacional. Para o autor, não é possível pensar em indivíduos supostamente livres, mas sim em indivíduos posicionados em determinada figuração social constituída por dependências que regulam suas ações.

A relação indivíduo/sociedade constitui-se pela interdependência entre essas duas esferas. A formação da sociedade só é possível a partir da interação, da vida em comum entre diferentes indivíduos e não da soma de indivíduos isolados.

Todavia, os modos pelos quais se dão tais interações e aquilo que delas resultam não supõem um planejamento prévio, um cálculo racional.

Ao pensar o indivíduo, Elias entende que sua composição psíquica e sua capacidade agentiva se desenvolvem de forma relacional e nos limites da estrutura. A agência se dá meio a uma rede de interdependências, que se complexifica pela diferenciação de funções.

O indivíduo ocupa, portanto, um lugar na rede de interdependências e suas ações são limitadas por tal posição social. Importante ressaltar que embora essa relação de interdependência não seja planejada, isto não implica dizer que não seja possível observar a presença de certas regularidades – estas não são apenas características dos fenômenos da natureza, ou mesmo do plano econômico, mas também das demais relações sociais.

Como dito, Elias trabalha a perspectiva processual para dar conta tanto dos aspectos dinâmicos como também das regularidades. Pensar o indivíduo posicionado em determinada figuração social é pensar, pois, que sua agência está circunscrita em uma cadeia de interdependências que o liga a outros indivíduos e que limita sua tomada de decisões.

É preciso considerar uma série de acontecimentos e transformações sociais que atravessam os destinos pessoais e que passam a compor as subjetividades. Assim, as figurações sociais apresentam dinâmicas específicas as quais demandam certa economia psíquica a elas correspondente. É interessante pensar que as figurações, essas formações sociais com dinâmicas específicas são, na leitura de Elias (1997, 2011), fortemente atravessadas pelo papel do Estado.

Dando encadeamento a trajetória de Tia Neiva: aos 24 anos ficou viúva, se tornando arrimo de família com quatro filhos, tentou empreender ao montar um estúdio de fotografia, mas não obteve sucesso. Habilitou-se então como motorista de caminhão, sendo à época considerada a primeira motorista profissional de veículos de grande porte do Brasil (REIS, 2008). Arantes (2014) é assertiva ao afirmar que:

A postura de Tia Neiva, como mulher merece destaque devido às condições de atuação social das mulheres, na década de 1950. Isto, pois, no referido período, muitos resultados do movimento feminista já apareciam, como o voto, por exemplo, mas não se pode dizer que era normal a atuação de uma mulher viúva na profissão de caminhoneira em um canteiro de obras predominantemente masculino. Além do enfrentamento social, ainda havia a repreensão da própria família em relação ao seu trabalho e ao seu dom espiritual, conforme ela mesma declarou em entrevista, sobre sua família “...

não gostavam de ‘macumbeiros’ e nem de mulheres independentes”. (ARANTES, 2014, p.236)

Em 1957, quando Tia Neiva estava trabalhando com transporte coletivo de passageiros em Goiânia-GO, foi convidada por um antigo amigo de seu falecido marido a trabalhar na construção da nova capital. Bernardo Sayão foi um dos pioneiros na construção de Brasília, e consegue um emprego para Tia Neiva, que a essa altura já era uma experiente motorista de veículos pesados. O cargo seria na Companhia Urbanizadora da Nova Capital – NOVACAP, de motorista, no transporte dos trabalhadores ditos ‘candangos”, e de materiais de construção (REIS, 2008).

Candangos eram como eram chamados os trabalhadores que migraram principalmente das regiões Norte e Nordeste do país rumo ao Centro-Oeste, para trabalhar na construção de Brasília. Segundo Kuyumjian e Luiz, (2010) “Para melhor compreender a relação dos candangos e seu ambiente de trabalho, é importante conhecer previamente os termos usados na época para designar os trabalhadores que migraram para o canteiro de obras da futura capital, provenientes das diversas regiões do país. Holston (1993) identifica quatro denominações: candango, pioneiro, piotário e brasiliense. —Pioneiro, segundo o autor, serviu inicialmente para identificar os trabalhadores de média e alta qualificação, incluindo-se, no mesmo bojo, os comerciantes e agricultores.

A categoria —c andango é constituída principalmente pelos operários da construção civil, peões de obra, trabalhadores braçais, de baixa qualificação profissional, a maioria deles com pouca escolaridade, às vezes analfabetos, razão pela qual o vocábulo tinha um sentido depreciativo, rejeitado pelos ditos —pioneiros. A palavra candango é uma variação de candongo, da língua quimbundo, dos bantos do sudoeste de Angola, e era usada de forma depreciativa contra os colonizadores daquele continente. Ao serem traficados para a região canavieira nordestina, os africanos mantiveram o sentido pejorativo para se referir aos senhores portugueses e, depois, aos próprios brasileiros (HOLSTON,1993).

Com o decorrer do tempo, porém, o alvo da depreciação foi invertido. A palavra virou sinônimo de mestiço e negro. Posteriormente, seu significado foi ampliado, passando a abranger genericamente as populações pobres do interior do país, sobretudo, trabalhadores itinerantes, de baixa qualificação profissional, situação predominante entre aqueles que chegaram ao canteiro de obras da futura capital.

É nesse momento que a trajetória de Tia Neiva se imiscui com a construção de Brasília. Quando ela inicia sua participação ativamente na realização de uma atividade ligada diretamente as obras e tem sua vida perpassada pelos acontecimentos de modernização do Centro-Oeste, algo que se iniciou antes, mas que dentro do processo histórico continuava a seguir um fluxo. Este fluxo, era a tentativa por parte do Estado de modernização do país.

Elias nos coloca diante da ideia de que a economia psíquica que orienta a ação dos indivíduos e que em muito se relaciona com a figuração em que se encontram inseridos, está também sob influência das experiências passadas de tal ou qual nação. Elias trata de evidenciar que os destinos de um Estado-nação incidem não apenas sobre as estruturas sociais, mas também sob os comportamentos e personalidades dos indivíduos. Isto porque para o autor, o Estado enquanto detentor do monopólio da violência agiria de maneira mais incisiva no controle das pulsões e pacificação das condutas a fim de assegurar o equilíbrio de tensões gerados pelas posições assimétricas entre os indivíduos (ELIAS, 1997, 2011).

O Estado aparece, portanto, como manipulador dos antagonismos gerados pela diferenciação de funções de modo assegurar o equilíbrio social via repressão e instrumentos de dominação. Deste modo, observa-se que mesmo diante das propriedades específicas de cada indivíduo, é possível enxergar aspectos universais em seus comportamentos que apontam para o autocontrole de suas pulsões em nome do equilíbrio social. Este autocontrole seria para Elias (1997, 2011) um dos traços mais característicos do habitus do homem civilizado. Habitus, segundo o autor, seria justamente a introjeção por parte do indivíduo de comportamentos socialmente forjados e que passam a influenciar de maneira significativa suas categorias de avaliação e percepção (economia psíquica).

Nas palavras do autor, o habitus consiste em uma segunda natureza ou um saber social incorporado possível por meio de um trabalho de coerção social, em

### **Figura 1 - Neiva Chaves Zelaya ao lado de seu caminhão**



Fonte: Inventário IPHAN.

grande parte exercida pelo Estado, que é interiorizado pelos indivíduos e culmina em auto coerção.

Até 1957, aos 33 anos de idade, segundo ela em sua autobiografia, não tinha nenhum indício de mediunidade; foi então que começou a ter visões, procurou ajuda médica, chegando a ser consultada por um psiquiatra que atendia no canteiro de obras da NOVACAP. Diante dessa problemática começou a frequentar o espiritismo, nos moldes kardecistas. Ao começar sua empreitada de construir a sua doutrina, ela diz que foi procurada por uma entidade chamada “Pai Seta Branca”.

No dia 12 de abril de 1959, em Brasília, Núcleo Bandeirante, capital da República do Brasil, Seta Branca, nosso mentor e guia espiritual nos convida a formar um grupo de trabalho de caridade cristã. Este grupo, segundo orientação, terá uma grande responsabilidade diante de Deus. E está designado para produzir fenômenos, que servirão para abrir os olhos dos que não querem ver ou ouvir a palavra do Pai. Tomando nossas mãos com amor e carinho de pai amoroso, Seta Branca, depois de dar todas as explicações das responsabilidades que iríamos assumir diante da Espiritualidade Maior, convida-nos a meditar sobre compromissos que se prestaríamos naquele momento. Declarando-nos que ficaria registrado nos livros divinos. Todos, sem hesitação, colocando a mão direita sobre a de nosso Mentor, que se comunicava no aparelho mediúnicamente de nossa dileta Irmã Neiva Chaves Zelaya, fizemos o juramento. Dizendo-nos, o nosso amado chefe, palavras

de alta espiritualidade e imenso amor. Naquele momento estava constituído o grupo União Espiritualista Seta Branca.<sup>5</sup>

Para entender a trajetória de tia Neiva é importante também entender a história cármica de Pai Seta Branca, que faz parte da cosmologia do VDA. Segundo a cosmologia ele teria encarnado inúmeras vezes na Terra, numa delas reencarnou como são Francisco de Assis, também foi um índio que lutou na guerra espanhola, assim como um índio que reencarnou sendo um grande chefe dirigente da nação Tupinambá. CARVALHO explica o seguinte:

Exercitando intensamente sua criatividade mitológica e ritualística, ela procedeu a realizar uma leitura espírita de uma quantidade de outras tradições religiosas, dentro de uma linha básica que também pode ser considerada umbandista, ou afro-brasileira, na medida em que a entidade principal cultuada no Vale do Amanhecer é um Caboclo (espírito ligado às matas e que representa o poder espiritual indígena, mestiço e, por extensão, de qualquer brasileiro) chamado Seta Branca. Essa entidade poderia pertencer facilmente ao panteão dos cultos afro-brasileiros tradicionais, como a Jurema, a pajelança, a macumba, além da umbanda; por outro lado, pode ser igualmente interpretada como uma figura cristã, na medida em que Seta Branca é descrito também como um avatar de São Francisco de Assis. Carvalho (1999:8)

Quando não pode mais reencarnar por estar num estágio evolutivo que não pertencente mais ao mundo físico, Pai Seta Branca procurou tia Neiva para dar continuidade a sua missão: levar a humanidade para uma etapa de melhora, para um patamar de ascensão espiritual. O VDA tem dois mentores espirituais, que são essas entidades e figuras chaves, sendo Pai Seta Branca e Iemanjá. Esta última advinda de uma religião de matriz africana, mas que tia Neiva também aglutinou dentro do VDA.

Tia Neiva trocou as viagens de caminhão pelas viagens astrais. Nesse momento ela deixa seu emprego de motorista de caminhão, até então residia no Núcleo Bandeirante – DF, quando migra para Alexânia – GO, e funda juntamente com Maria de Oliveira – Mãe Neném - a União Espiritualista Seta Branca – UESB, ainda no ano de 1959, junto com uma pequena comunidade de adeptos que crescia a cada dia. Isto é, ela saiu de Brasília com o objetivo de fundar a sua primeira comunidade religiosa REIS (2008).

Em fevereiro de 1964, Tia Neiva já com um grupo maior de adeptos se muda para Taguatinga – DF, este é um marco no fim da UESB. Sua religião foi criada institucionalmente em 1964, de acordo com o registro do Instituto do Patrimônio

---

5 Neiva Chaves Zelaya. Tia Neiva: Autobiografia Missionária... Op.cit, p.31-32

Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), sob o nome de Obras Sociais da Ordem Espiritualista Cristã (OSOC), isso em Taguatinga – DF. No entanto, Taguatinga não seria o último destino de Tia Neiva e seus adeptos. Apenas em 1969 é que este grupo de pessoas liderado por Tia Neiva se fixa no espaço que hoje é denominado como Vale do Amanhecer, em Planaltina – DF.

A partir desse ponto de sua trajetória, ela começou a criação da cosmologia do VDA, assentada no espiritismo Kardecista, e posteriormente figurando um movimento de rearranjos com outras vertentes religiosas. Sempre pautada nas visões de “Pai Seta Branca”, que já havia reencarnado diversas vezes. Nessa digressão de sua história, Pai Seta Branca se apresenta como uma figura central na dinâmica do VDA. Ele é o “mentor espiritual”. Na hierarquia das entidades é o mais cultuado.

O Vale do Amanhecer foi fundado em Planaltina, cidade satélite de Brasília, no final dos anos 1960, por Neiva Chaves Zelaya, mais conhecida como "Tia Neiva", que aos 33 anos passou a ter visões de uma entidade denominada "Pai Seta Branca", que teria sido em sua última vida um índio tupinambá, mas que em vidas anteriores teria sido São Francisco de Assis, um jaguar, e, antes mesmo, teria vindo de outro planeta, a bordo de uma espaçonave (OLIVEIRA, 2009. Pág. 37).

**Figura 2 - Tia Neiva em 1958**





Fonte: Inventário IPHAN<sup>6</sup>

Importante ressaltar que, burocraticamente falando, o VDA permanece com o nome de Obras Sociais da Ordem Espiritualista Cristã (OSOC), nos registros oficiais do Estado. Mas, para Tia Neiva e seus adeptos, no ano de 1969 é que surge o Vale do Amanhecer. Por isso, ao tratar do VDA, toma-se esta data como marco temporal do surgimento do que hoje é entendido como Doutrina do Amanhecer.

## 1.2 Cosmologia do VDA

Num levantamento sobre Pai Seta Branca, nota-se que ele é um “espírito de luz” elevado, ele é líder do panteão do Vale, chefe supremo da “corrente indiana do espaço”, uma corrente eclética, que agrega: negros que foram escravizados, ciganas, ninfas, princesas, sereias, orientais, caboclos, índios, cavaleiros, e seres extraterrestres. Em muitos momentos se confunde com a própria história de Jesus Cristo, quanto à ideia de ser um líder responsável pela elevação e salvação de seu povo (MELLO, 2002).

Esse esquema de entidades tem posições. A organização se dá de acordo com a importância e relevância. Fazendo-se uma classificação para entender as posições de cada um deles, observa-se que Pai Seta Branca e Iemanjá são os mentores espirituais principais. Na explicação dessas hierarquias, assim expõe Oliveira (2011. Pág. 209):

Também são ressignificadas as entidades que compõem o panteão do Vale, sendo hierarquizadas basicamente em dois grupos: Espíritos de Luz: formados por Pretos Velhos, caboclos, médicos espirituais e capelinos (dentre outras entidades que não se enquadrariam aí); e Espíritos das Trevas: formados por elítrios, cobradores (que podem ser encarnados ou desencarnados), exus, sofredores e obsessores. O primeiro grupo possibilita o desenvolvimento mediúnico e ajuda os médiuns em seus trabalhos, ao passo que as entidades do segundo, além de atrapalharem o desenvolvimento mediúnico, são apontadas como principais causadores das doenças espirituais.

---

<sup>6</sup> Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/vale\\_do\\_amanhecer\\_\\_inventario.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/vale_do_amanhecer__inventario.pdf). Acesso em: 04/07/2019)

Também fazem parte da cosmologia do VDA seres de outros planetas. A relação e a comunicação da doutrina do amanhecer com seres extraterrestres num primeiro momento são labirínticas, porque apresenta muitos elementos, mobilizações e, nessa perspectiva, Sassi (1974, p. 17) assevera:

A doutrina do amanhecer considera o relacionamento interplanetário entre a Terra e os outros corpos celestes, como coisa natural e própria da mecânica do Universo. Através de milhões de anos, seres e coisas de todos os tipos, concebíveis e inconcebíveis, viajam, chegam até à Terra e dela partem, no que poderia se chamar de “osmose cósmica”, na qual não existe descontinuidade ou vazios. No presente ciclo, com base na sensatez do Sistema Crístico traduzido na Escola do Caminho do Mestre Jesus, cujas assertivas não fogem, necessariamente, no senso comum e à verificação de nossa consciência, o quadro se apresenta assim: existem comunicações entre os espíritos encarnados na Terra (que, neste caso, poderiam ser chamados “terráqueos”) e espíritos “encarnados” num conjunto planetário existente no outro lado do Sol. Por razões que ainda não foram convenientemente explicadas dá-se a este conjunto o nome de Capela que é a maior estrela da constelação do Cocheiro, de nossas cartas celestes.

A origem remota do Vale estaria na explicação de que há 32 mil anos, povos vindos do “Planeta Capela” desembarcaram na Terra, com o intuito de trazer insumos para a organização do planeta, como contribuições para a biodiversidade. Mais uma vez prevalece a crença de que havia a necessidade de um aprestamento para a posteridade; a missão estaria assentada no devir. Esses povos eram os “Equitumans”, conforme afirma Sassi no livro “2.000 – A conjunção de dois planos”:

Há 32.000 anos – trezentos e vinte e séculos atrás – uma frota de naves extraplanetárias pousou na Terra e dela desembarcaram homens e mulheres, duas ou três vezes maiores do que o tamanho médio do Homem atual. Sua missão era a de preparar o planeta para futuras civilizações. Para isso, mudara a topografia e a fauna, trouxeram técnicas de aproveitamento dos metais, além de outras coisas essenciais para aquele período e os que se seguiram. Chamavam-se Equitumans, e seu domínio do planeta durou 2.000 anos. Depois disso, o núcleo central desses missionários foi destruído por uma estranha catástrofe, e a região em que viviam se transformou no que hoje se chama Lago Titicaca (SASSI, 1974, p. 38).

Esse povo foi dizimado por um fenômeno que Tia Neiva chama de “Estrela Candente”. No VDA um dos trabalhos tem esse título. Na ritualística desse trabalho são feitas várias alusões ao acontecimento. A *posteriori* vieram os “Tumuchys”, estes com o epíteto de missionários. Possuidores de vasto conhecimento, ciência e tecnologia, teriam sido os responsáveis pela edificação das pirâmides do Egito e de outras construções de civilizações antigas, que depois foram apropriadas e usadas por povos que existiram posteriormente.

A terceira geração desses seres místicos foi formada pelos “jaguares”. O povo de Jaguar veio à Terra em naves espaciais, que são chamadas de “estufas”. Seu local de origem é denominado como o “Planeta Capela”. Esse povo representa uma “coletividade espiritual” que compõe o panteão do VDA. Como foi dito em outro momento, seus seres formam a corrente indiana do espaço. São seres que vieram para a Terra porque sofreram um expurgo de seu planeta de origem, pois tinham uma corrente energética vibratória no “baixo astral”, além de um padrão moral insignificante. Eles foram então expatriados para um planeta periférico, no caso a Terra. Com a permanência na Terra, esses povos foram deixando suas características originárias, assumindo outras identidades.

Aos poucos, esses espíritos foram deixando para trás essas identificações, e foram nascendo em meio aos povos e nações que eles haviam ajudado a criar. A partir daí, podemos entrar na História e identificar, razoavelmente, as civilizações que se seguiram até nossa época. Nomes como chineses, caldeus, assírios, persas, hititas, fenícios, dórios, incas, astecas, gregos, etc. já nos são familiares pela História. Nessas raças e povos, através de milhares de anos, esses experimentados espíritos acabavam, sempre, ocupando posições de mando e se destacavam como reis, nobres, ditadores, cientistas, artistas e políticos (SASSI, 1974, p. 42).

A vinda desses seres para a Terra tinha o propósito de sua elevação espiritual. O retorno dessas falanges só teve início com o nascimento de Tia Neiva, que os fazia regressar depois da expiação no exílio. Todas as construções de grandes civilizações são explicadas através deste mito, o de que esses seres vindos de outros planetas trouxeram sua tecnologia e arquitetaram, por exemplo, as pirâmides do Egito. Tia Neiva reforçava sua “história cármica” revelando que tinha sido em outras vidas “Cleópatra”, “Nefertite” e outras personalidades da História Egípcia Antiga.

O símbolo do Jaguar é algo bem recorrente no VDA, e o líder desse povo era Pai Seta Branca, que estava à frente para guiá-los e levá-los à elevação espiritual. Depois desse período, ele reencarnou como São Francisco de Assis. Isto explica as indumentárias do VDA serem em sua maioria compostas pela cor marrom, remetendo ao santo do catolicismo, um componente agregado por Tia Neiva na sua doutrina.

Os sentidos que estão dentro do VDA, as hierarquizações, os modelos de reprodução, as apropriações de diversas religiões – vide exemplo da umbanda e do xamanismo se fundindo com o cristianismo – são tomados também como elementos de análise nesta investigação, auxiliando-me e propiciando o entendimento sobre a reapropriação e ressignificação desse conjunto híbrido de práticas religiosas a partir

dos agentes e dos rituais. A integração que ocorre nesse lugar (VDA) repleto de práticas faz com que os significados surjam à medida que os rituais se desenrolam.

A ideia inicial de tia Neiva era construir um grande hospital espiritual para ajudar as pessoas em sofrimento que buscassem o VDA como forma de auxílio. Procurei me ancorar no material disponível e nos trabalhos já publicados. Foi um exercício árduo para ter esta noção que agora apresento nestes escritos. A primeira sensação que tive foi de desalinho, acredito que pelas influências de religiões hegemônicas (Cristianismo), mas no exercício da pesquisa e da escrita pude relacionar a observação às teorias. Esse movimento me favoreceu como o catalisador necessário, pois o exercício de reflexividade me permitiu buscar materiais que propiciaram a construção e reconstrução dessa figura que foi Tia Neiva.

A complexidade da doutrina do amanhecer é perceptível. Confesso que foi difícil compreender e conseguir dar conta do funcionamento da cosmologia do VDA. Pude avançar em certa medida, porque nem tudo é explicado; algumas lacunas se apresentam e alguns fatos permanecem sem uma elucidação. Por exemplo, tive grande dificuldade para construir uma linha do tempo dos fatos que tecem a narrativa cosmológica do VDA assim como da vida de Tia Neiva. Um trabalho de referência que utilizei foi realizado pelo IPHAN, com texto de dois pesquisadores especializados, com trabalhos acerca do VDA, a saber, Deis Siqueira e Marcelo Reis.<sup>7</sup>

Para entender o VDA, primeiro é necessário destacá-lo também dentro do movimento da Nova Era, porque há elementos que são constituintes dessa prática religiosa filosófica e que colocam o VDA dentro desse espectro (OLIVEIRA, 2011). Um dos motivos para a instituição do VDA, segundo a doutrina do Amanhecer, é o de que a humanidade precisa ser guiada para uma Nova Era, e Tia Neiva se apresenta como essa líder capaz de ser intermediária entre o mundo material e espiritual, conforme percebido por Oliveira (2009. p. 40), o qual observa o Vale dentro de um cenário que ele chama de “New Age Popular”

---

<sup>7</sup> Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/vale\\_do\\_amanhecer\\_\\_inventario.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/vale_do_amanhecer__inventario.pdf)  
Acesso em: 20/08/2020

Para situar o VDA no contexto *New Age*, tomo como base Medeiros (1998), o qual elenca as principais características que permite considerar o VDA como um dos partícipes deste movimento. De acordo com o referido autor, as principais características presentes no VDA são: Exigência de transformação, de Fonte: inventário

**Figura 3 - Área externa do Templo Mãe**



IPHAN<sup>8</sup>.

mudança ao nível individual e coletivo, como preparação para uma Nova Era. Um otimismo radical que acredita que a humanidade está sendo introduzida numa convivência baseada na harmonia, respeito às pessoas, ao planeta Terra. O movimento é desculpabilizador: isto é, tende a retirar as culpas pessoais, atribuindo-as a agentes externos, sejam terrestres, de outros mundos, ou oriundos do plano espiritual. A existência de constantes desterritorializações sígnicas e simbólicas reordenam, transferem e reinterpretam os significados dos símbolos religiosos. A convicção de que a mente, o corpo e o espírito devem estar preparados para a passagem para a Era de Aquário. Ênfase, porém que a *New Age* Popular é uma proposta de síntese inteiramente original. Ainda de acordo com Magnani (1999) o *New Age* no Brasil possuiu, em princípio, uma característica muito mais universal que local,

---

<sup>8</sup> Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/vale\\_do\\_amanhecer\\_\\_inventario.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/vale_do_amanhecer__inventario.pdf). Acesso em: 04/07/2020)

de modo que: no VDA é percebida a presença desses elementos, porém, além destes, outros vêm à tona. O Pai Seta Branca, por exemplo, apesar de ser retratado com indumentárias semelhantes às utilizadas pelos índios americanos, em especial, aquelas que aparecem em filmes de faroeste, é apresentado como sendo um Tupinambá, que em uma de suas encarnações teria sido São Francisco de Assis, conhecido santo católico de devoção popular em nosso país. É possível então identificar mais uma vertente religiosa retirada de seu contexto original por Tia Neiva, no caso, a New Age – Nova era. A doutrina do amanhecer surge como um despertar para a humanidade, que no cumprimento de sua meta “cármica”, precisa ouvir os ensinamentos dos espíritos de luz que se revelaram para a líder espiritual. A doutrina do amanhecer é extremamente rica, por ter havido essa grande junção de diversas outras doutrinas contemplando tantos credos quanto foi possível nessa construção. Assim, o VDA oferece a “cura espiritual” através dos trabalhos que são executados dentro das práticas místico-religiosas e na sua totalidade, o sentido da sua fundação é preparar e orientar a humanidade para o terceiro milênio.

O VDA conta atualmente com mais de 800 templos situados no Brasil, e tem se expandido para outros países, como: Estados Unidos, Portugal, Bolívia, Inglaterra, Trinidad e Tobago, e Guiana.

O primeiro templo erguido está situado no Distrito Federal, próximo a Planaltina no Distrito Federal, a pouco mais de 40 km de plano piloto de Brasília, nele residindo aproximadamente 4000 famílias, o VDA tem a forma de um triângulo, tendo como base a rodovia DF - 130, essa começa em Planaltina e termina no km 32 da estrada Brasília-Unaf. Quando houve a fundação do templo mãe, havia no local uma fazenda que pertencia a Francisco Mundin Guimarães<sup>9</sup>, a fazenda Mestre d'Armas. Uma parte do terreno da fazenda foi doado para que ela construísse o primeiro templo REIS (2008).

Construção de pedra em formato elíptico, contando 2.400 metros de área, onde se desenvolve a maior parte dos trabalhos espirituais executados pelos adeptos do Vale do Amanhecer. Recebe essa denominação por ter sido a sede de toda a Doutrina, onde viveu e trabalhou Tia Neiva. (REIS, 2008, pág. 137)

---

9 Nas minhas pesquisas, no livro “Vale do Amanhecer, sob os olhos da clarividente”, de autoria de Mario Sassi, ele aponta que o terreno de construção do primeiro templo, é de propriedade do Estado: “O Vale ocupa uma área pertencente ao governo do Distrito Federal, nela residindo 20.000 pessoas” SASSI (1999).

Como o VDA faz distinção entre os seus frequentadores, isto é, aqueles que são adeptos (trabalhadores) e visitantes (pacientes), existe uma lógica no funcionamento dos rituais, a participação dos pacientes é quase nula, quem de fato executa as ações durante os rituais são os trabalhadores. É importante pontuar que a cosmologia do vale é algo que demonstra o sincretismo que é trabalhado em obras tanto da Antropologia como da Sociologia. Pelo que busquei analisar, as entidades que atuam no vale são seres espirituais diversos: ninfas, ciganas, princesas, pretos velhos, pretas velhas, caboclos, médicos de cura, cavaleiros, guias missionários, ministros, seres extraterrestres e monges tibetanos desencarnados.

José Jorge de Carvalho (1999) considera que o VDA é um “espaço público encantado” e coloca o vale como a religião mais sincrética do mundo porque nenhuma outra até então havia condensado tantas doutrinas filosóficas, culturais religiosas, dentro de um único espaço. Porque o vale tem elementos oriundos das culturas incas, maias, astecas, gregas, egípcias, judaicas tendo também uma forte influência do hinduísmo e do budismo, assim como do Cristianismo (tanto do catolicismo como o protestantismo) e as religiões de matrizes africanas, como o candomblé e a umbanda, e o espiritismo, apesar de haver uma grande disputa, sobretudo, no campo do espiritismo de não reconhecimento do VDA como uma religião de vertente espírita.

Tia Neiva atuou principalmente na revelação e incorporação de elementos à cosmologia do Vale, cabendo a seu cônjuge proceder no âmbito burocrático, agindo como responsável por documentos, organização dos acervos, revisão e edição dos manuais, e sistematização da metodologia necessária para o ordenamento das práticas ritualísticas existentes no VDA. Mario Sassi conheceu Tia Neiva em 1965, e três anos depois, abandonou seu trabalho, sua vida social e familiar, para fundar com ela o Vale do Amanhecer, tornando-se seu companheiro a partir de 1968. Os dois formavam uma liderança bicéfala, ela representando a figura da líder carismática e ele postulando o lugar de líder racional (GALINKI, 2008). Reis (2008) pontua o seguinte sobre Sassi:

Mário Sassi, líder e intelectual e autor do grosso das publicações oficiais do Vale do Amanhecer típico intelectual orgânico, ao partir dos princípios e imagens propostos por Tia Neiva, é quem vai referendar essa proposição enquanto se dirige aos religiosos do Vale.

Ainda sobre a trajetória de Mario Sassi, há registros sobre sua vida do Antropólogo e José Vicente César<sup>10</sup>:

Mário Sassi nasceu a 29 de novembro de 1921, à Rua do Oriente, 96, no bairro do Brás em São Paulo, num ambiente social de negociantes judeus. De família pobre e simples, pais desajustados, vivendo em "cortiço", como eram conhecidas as favelas de então, passou por muitas necessidades, sofrendo imenso por não ter oportunidade de desenvolver seus cabedais intelectuais. Num grupo escolar da Mooca conseguiu apenas alcançar o terceiro ano por volta de 1930/31. Fez o curso de madureza em 1945, na Escola Dr. Souza Diniz, da praça da Sé, seguiu um diploma de ginásio em Jacarezinho, Norte do Paraná. Depois, Vila Mariana, cidade de São Paulo, cursou o científico. A 8 de dezembro de 1946, com 25 anos de idade, (...) desposou Mário a socióloga Moema Quadros Von Nazingen que lhe deu cinco filhos, e da qual se separou em 1968. Estudou Filosofia e Ciências Sociais na Universidade de São Paulo. (...) De maneira aleatória frequentou cursos de Psicologia, Relações Públicas, Jornalismo e, até, Anatomia. (...) Foi líder da JOC [Juventude Operária Católica] (...) Ávido de palmilhar caminhos não batidos, transferiu-se para Brasília em 1962 (...). Sob as graças do etnólogo e porta voz do governo Goulart, Darcy Ribeiro, tornou-se assessor de Relações Públicas da novel Universidade de Brasília, matriculando-se ali na qualidade de aluno de Ciências Sociais. Com a Ditadura de 1964 passou a ser visado pelo novo regime implantado no Brasil. (...) Nessas circunstâncias adversas, entrou casualmente em contato com dona Neiva Chaves Zelaia.

Outro momento importante na vida de Tia Neiva é sua união com Mario Sassi, outra peça-chave na sua trajetória. Para além de líder burocrático ele ajudou-a a sistematizar sua doutrina Reis pontua que:

No caso de Mário Sassi, seu lugar de fala permitia-lhe proferir verdades legitimadas pelo jogo simbólico do discurso que atribuem um poder que é apenas "o poder delegado do porta-voz cujas palavras (...) constituem no máximo um testemunho, um testemunho entre outros da garantia de delegação de que ele está investido. A delegação atribuída a Mario é conferida por Tia Neiva. Mas é pertinente considerar que esse discurso autorizado, no caso das três personagens em análise, formava uma cadeia. Pai Seta Branca autoriza o discurso de Tia Neiva que, por sua vez, autoriza o discurso de Mario Sassi. (REIS, 2008)

Esse lugar de porta-voz autorizado remete a uma discussão realizada por Bourdieu. Ao investigar os efeitos simbólicos da linguagem, o autor, dá destaque para o fato de que o discurso em si mesmo nada significa em termos de poder simbólico. O poder é conferido ao discurso por elementos que são exteriores ao agente, ele

---

<sup>10</sup> Cf. José Vicente César. Atualização - Revista Divulgação Teológica para o Cristão de Hoje. nº 97/98, Janeiro/Fevereiro. Belo Horizonte: Editora o Lutador, 1978. Muitos registros acerca da vida de Tia Neiva e Mario Sassi foram compilados pelo padre. Muitos desses registros são extremamente raros, tendo em vista que ele realizou entrevistas com Tia Neiva e com Mario Sassi.



enuncia entre outras coisas, o lugar de posição do sujeito que fala, o porta-voz autorizado, assim ele determina que:

O porta-voz autorizado consegue agir com palavras em relação a outros agentes e, por meio de seu trabalho, agir sobre as próprias coisas, na medida em que sua fala concentra o capital simbólico acumulado pelo grupo que lhe conferiu o mandato do qual ele é, por assim dizer, o procurador. (BOURDIEU, 1996)

O processo de produção de textos e a importância da disciplina da organização e da uniformidade encontrada no VDA se assemelham ao que Renato Ortiz (1999) identificou na sistematização e institucionalização da Umbanda, que se afasta do Candomblé, principalmente por essa característica racionalizante no sentido weberiano, ao romper com o antigo modo de conceber o mundo e transformar a participação religiosa em aquisição de saber através da literatura.

Se o Candomblé se caracteriza pela ausência de escritos teológicos, forma de conhecimento que se opõe a transmissão da força mística, na Umbanda esse tipo de literatura passa a ocupar um lugar de destaque. É claro que o médium possui um saber prático que lhe advém diretamente da experiência mística do dia a dia, mas a força do Axé desaparece. A falta de um verdadeiro ritual de iniciação não permite mais sua transmissão. Paralelamente ao saber cotidiano do médium, um novo tipo de saber, que se fundamenta na palavra escrita, se instaura. “A palavra aspirada, o hálito que da vida a matéria inerte”, a força sagrada que se transmite aos objetos pela realização do ato mágico, são aprisionados na e pela escrita. (ORTIZ, 1999. Pág 178)

Segundo a crença difundida no VDA, os dois serviram como instrumentos traduzindo para a Terra os ensinamentos do céu. A líder é responsável pela autoria de uma extensa produção: livros, fascículos, manuais, panfletos e atas, no intuito de organizar sua doutrina. Mario Sassi, que era também cientista social, desempenhou o papel mais burocrático, participando intensamente na revisão e edição de alguns escritos. Conforme um levantamento destaca, mostro algumas das produções vinculadas ao VDA:

- No Limiar do 3º Milênio. Autora: Tia Neiva. Editor: Mário Sassi. 1ª Edição: 1972; 2ª Edição: 1973.
- Manual de instruções para os médiuns. 3ª Edição: 1974.
- 2.000 – A Conjunção dos dois Planos. Autora: Tia Neiva e Mário Sassi. Ano: 1974.
- Sob os olhos da Clarividente. Tia Neiva, 1974.

- Livro de Leis e Chaves Ritualísticas. Autoria: Tia Neiva. Edição: Mário Sassi. 1ª Edição: 1974. 2ª Edição: 1988.
- Série Instruções Práticas para Médiuns. Editor: Mário Sassi. 1ª Edição: 1977.
- Minha vida, Meus amores. Autoria: Tia Neiva. Editor: Mário Sassi. 1ª Edição: 1985.
- O que é o Vale do Amanhecer? Editor e escritor Mário Sassi. 1ª Edição: 1979. 2ª Edição: 1987.
- Tia Neiva, autobiografia Missionária. Autoria: Tia Neiva. Editor: Bálamo Álvares. 1ª Edição: 1992.
- Série Pequenas histórias. Autoria: Tia Neiva. Editor: Bálamo Álvares (em memória). 1ª Edição: 1999.
- 14 Fascículos de histórias verídicas de Tia Neiva. Redação: Mário Sassi:
  - 1. A História de Manoel Truncado;
  - 2. Nara, a suicida;
  - 3. Mensagem de um amigo recém-desencarnado;
  - 4. A noivinha desencarnada;
  - 5. O velho coronel;
  - 6. O pequeno Pajé;
  - 7. Um homem de dois Mundos;
  - 8. Meus primeiros passos no canal vermelho;
  - 9. O Presidiário Conselheiro;
  - 10. A Volta dos Ciganos;
  - 11. O Amanhecer das Princesas na Cachoeira do Jaguar;
  - 12. Tiãozinho e Justinha;
  - 13. Almas Gêmeas;
  - 14. As Vidas do Lenhador<sup>11</sup>.

Estas são algumas das produções disponíveis no VDA. Todo esse material produzido, sendo em sua maioria de autoria de Tia Neiva, teve uma construção conjunta com Mario Sassi. Ele quem cuidava do acervo e funcionava como uma

---

<sup>11</sup>Conforme levantamento feito no acervo do VDA e em pesquisa realizada na loja do Gamúrio do Amanhecer no Templo VDA – Fortaleza. Em 14/10/2019

espécie de decodificador, traduzindo as revelações e imprimindo-as nas obras. Ele buscou proporcionar a sistematização dos rituais, isto é, organizou as ideias em forma de manuais para que a doutrina propriamente dita fosse difundida. Usou de sua proficiência e devoção neste empreendimento dando um suporte intelectual e burocrático. Isso fica evidenciado quando César postula:

Conjuntura ímpar, facultada pelo Vale do Amanhecer ao pesquisador é, dispor de um informante intelectualmente preparado, pessoa equilibrada e aberta a proficuas discussões em todos os campos de "seu reino espiritualista", sempre pronto e lesto, paciente em esclarecer, sem se alterar, nos pontos de inumeráveis dúvidas com que se defronta alguém interessado em penetrar os escrutínios daquela organização. Apesar das incessantes mudanças, levantadas com frequência pela Clarividente sobre planos e realizações da Ordem Espiritualista Cristã, o secretário geral vai conseguindo coordenar todo um sistema ideológico extremamente complexo sem resvalar em aparentes e desagradáveis contradições (César, 1978, p. 17)

Esse trecho demonstra a enorme importância da figura de Sassi para a decodificação dos inúmeros aspectos doutrinários que, aglutinados, compunham o universo do VDA. Partindo de um sacerdote católico, antropólogo, que realiza sua pesquisa de campo no VDA e escreve seu artigo na segunda metade da década de setenta, estes escritos apresentam um Sassi convicto, devotado à missão de traduzir o que Tia Neiva captava da espiritualidade.

A vendagem dos livros e produtos é revertida para a manutenção dos templos. Em Fortaleza, nos arredores do Templo Gamúrio, por exemplo, tem uma loja que funciona como difusora da doutrina onde vários produtos são comercializados, desde fotografias de Tia Neiva a objetos referentes às entidades. Há também disponível uma discografia dos cânticos que são executados no Templo, a maioria deles interpretados na voz de Tia Neiva.

Essa pluralidade pode ser vista com toda nitidez em Brasília, cidade onde o panorama das religiões é particularmente aberto às invenções. Para dar um exemplo, o típico morador do Plano Piloto, centro do projeto modernista do Distrito Federal, quer pratique ou não alguma religião cristã, pode frequentar ocasionalmente feiras místicas, palestras em centros esotéricos e de Nova Era, experimentar com uma gama variada de métodos de meditação, manipulação de forças e energias espirituais. E no momento em que passar por uma crise mais séria em seu estado de saúde ou em suas relações interpessoais - seja no trabalho, seja na vida amorosa - pode ir a algum "centro" em busca de apoio espiritual. E essa mesma palavra "centro" (termo chave do panorama religioso brasileiro contemporâneo) é usada para definir tipos diversos de redes de conexão com o sobrenatural: um centro de umbanda; um terreiro de candomblé; um centro kardecista; uma mistura dessas três formas anteriores; às vezes, um lugar que lida com um tipo de espíritos

desconhecidos das religiões estabelecidas; finalmente, comunidades místicas ou esotéricas como o Vale do Amanhecer. (Carvalho, 1999. Pág. 17)

Toda essa religiosidade no plural está presente na cidade de Brasília, que foi berço para o surgimento do VDA, e se espalhou pelo Brasil, inclusive no estado do Ceará. Do “Templo Sede”, no Distrito Federal, a Doutrina do Amanhecer se expandiu e encontrou penetração no cotidiano de seus frequentadores, falando especificamente sobre Brasília.

E sobre as pesquisas acadêmicas realizadas sobre o vale ressalto os principais estudos produzidos: o antropólogo José Jorge de Carvalho, em *Um Espaço Público Encantado: Pluralidade Religiosa e Modernidade no Brasil*, de 1999; e a antropóloga Ana Lúcia Galinki, em *A Cura no Vale do Amanhecer: Brasília*, de 1977, sendo este último um dos trabalhos pioneiros que foram produzidos sobre o VDA.

No Ceará, os trabalhos que aludem ao VDA são: a dissertação de mestrado *Caminhos e trilhas no Vale do Amanhecer cearense: As Cidades de Canindé e Juazeiro do Norte – Ceará*, 2006, da autora Meirilane Pires Coelho; e o livro *Dialogias no Vale do Amanhecer: os signos de um imaginário religioso*, 2011, da professora Kalu Chaves, da Universidade de Fortaleza – Unifor. Esses trabalhos auxiliaram para que eu me aprofundasse no tema, conhecesse melhor o universo simbólico sobre o qual construí o objeto de estudo, para assim conceber esta pesquisa.

## 2 BANQUETE ESPIRITUAL NO VALE DO AMANHECER

Trabalhar a ideia de “banquete espiritual” para entender o sincretismo foi uma oportunidade que apareceu em campo. Trata-se de uma categoria nativa apreendida através das falas dos interlocutores, pressupondo o VDA como um polo do sincretismo que se mostra aos indivíduos como lugar em que múltiplas práticas religiosas se inserem. Em uma das falas em campo pude ouvir, “aqui a gente pode entender de onde viemos, e se eu quiser ser devoto de nosso Senhor Jesus Cristo ou de Iemanjá, não tem problema algum”.

É possível perceber toda essa complexidade que integra a doutrina e se apresenta como uma maneira de agregar possibilidades. Dessa forma, existe a oportunidade de identificação e integração. O fato de haver essa mobilização de outras religiões advindas de seus lugares, produzindo a *bricolagem* identificada por Galinki (2008), contribui para a permanência dos indivíduos nesse espaço. Haja vista a variedade de credos que se inserem no VDA, o reconhecimento dos indivíduos se torna maior à medida que a doutrina do Amanhecer é apresentada àqueles que a procuram. A partir disso, busquei entender também como a convivência dessas diversas doutrinas acontece, bem como se dão as negociações, (re)apropriações e (res)significações que são estruturadas nesse espaço simbólico.

Para a compreensão da doutrina, levanto uma discussão acerca dos “trabalhos” desenvolvidos no VDA, já que estes eventos são os momentos que compõe os rituais. Assim como outras religiões têm seus rituais centrados numa determinada cerimônia, como um culto cristianismo protestante, uma missa no catolicismo, uma gira na umbanda, no VDA interessam os rituais que são subdivididos como trabalhos. Essa procura aos trabalhos se justifica pelo fato de que a crença é que a “cura espiritual” acontece quando se participa dos trabalhos. Assim se justifica esse interesse dos pacientes nos trabalhos.

Para pensar a categoria trabalho, recorro a Ismael Pordeus Jr. (2000), que na sua pesquisa *Magia e Trabalho: a representação do trabalho na macumba*, define esta categoria como um ritual que mescla uma prática religiosa aliada à magia. “Trabalho é tudo aquilo que se executa, se faz. Na umbanda não se foge à regra, se você abre um ritual é trabalho; é um desenvolvimento, a magia é trabalho” (PORDEUS Jr., 1979. Pág. 1993). Neste sentido os elementos que se aproximam nessas duas

esferas, religião e magia, se encontram nos rituais. O trabalho pode ser entendido como as práticas concernentes ao ritual, desde a preparação do ambiente, a escolha das indumentárias, todo o esforço empreendido para realização de um rito. A magia está nesta dimensão em que diz respeito ao plano espiritual, na evocação de entidades, na incorporação, no contato com o sagrado, na oferta do tratamento curativo.

Considerando os trabalhos que acontecem no VDA como rituais é possível enxergar essa dicotomia entre magia e ciência, assim sendo Peirano discorre:

A grande divisão entre magia e ciência correspondeu à dicotomia racionalidade vs. Irracionalidade sagrado vs. Profano; pensamento vs. ação; crenças vs. rituais. Reconhecida a importância dos rituais, várias tentativas de classificá-los – embora não esgotassem o tema – tiveram um resultado bastante positivo, especialmente retirando-se do âmbito da religião compreendida de forma restrita como crenças em seres sobrenaturais. (2003. Pág. 21)

Assim sendo não são apenas as crenças no sobrenatural que produzem os sentidos, através da observação dos rituais religiosos é possível identificar como uma sociedade vive e qual a dimensão da importância da religião num determinado agrupamento de indivíduos e possibilitando traduções desses comportamentos.

A importância do trabalho para a doutrina aparece em alguns trechos da fala dos meus interlocutores:

Eu sou adepto desta doutrina de Pai Seta Branca desde... Vixe! faz uns vinte anos. Sou trabalhador do Vale, todo domingo estou aqui, com minha roupa, com minha fé e com a minha disposição. Eu sei que a minha contribuição aqui está na doação do meu trabalho. Quando estou incorporado nos tronos, estou emprestando meu corpo, é meu espírito que está em comunhão. [...] É lógico que é bem desgastante, a gente empresta a voz para as entidades, já cheguei a ficar aqui 4 horas incorporado direto, e sem comer nem beber. Mas é gratificante, eu estou aqui me aprimorando, quem não evolui não cumpre sua missão. (Depoimento de Carlos Antônio, 56 anos. Funcionário Público. Colhido no VDA – Fortaleza. 29/09/2019)

Eu me sinto realizado quando estou trabalhando no Vale. Eu não sou médium de incorporação, mas tenho muito orgulho de estar aqui. Quando eu comecei isso aqui era tudo mato. Eu ajudei a construir aqui esse templo. Então eu trabalhei voluntariamente em tudo. Depois que descobri que minha missão era ser doutrinadora, eu aceitei e estou procurando cumprir. Eu procuro vir duas a três vezes por semana, quando vejo meu nome na escala chega fico feliz. (Depoimento de Ana Cristina, 68 anos. Dona de casa. Colhido no VDA – Fortaleza. 29/09/2019)

Estou me preparando para me desenvolver, tô terminando meu curso de iniciação. Já tirei as medidas e encomendei minha roupa de Ninfa. Não vejo a hora de começar a trabalhar... É muito bom você receber as pessoas, se colocar a disposição, manipular as energias, todas essas coisas que eu vou poder fazer. Mas eu já me considero uma trabalhadora, já estou cumprindo

minha missão. [...] A missão é isso, todo mundo é médium, a gente precisa desenvolver e ajudar os necessitados, nós também somos necessitados, a diferença é que a gente tá mais perto do mundo espiritual e cada vez que trabalhamos nossa obrigação diminui. (Depoimento de Thaís Alencar, 22 anos. Universitária. Colhido no VDA – Fortaleza. 29/09/2019)

Para ser trabalhador do VDA, é preciso ser convidado pelas entidades nos Trabalhos de Tronos. Na hora da consulta, se o paciente tiver a necessidade de desenvolver sua mediunidade os Pretos Velhos o avaliam e o convidam. Isso veio à tona quando entrevistei um casal e o marido se dizia ressentido, porque apesar de frequentar o VDA há três anos junto com sua esposa, apenas ela havia sido convidada a integrar o corpo de trabalhadores. Embora ele manifestasse esse desejo, as entidades lhe alertaram que ainda não havia chegado o momento.

Em uma das ocasiões que participei do “Trabalho de Tronos” fui convidado a desenvolver minha mediunidade. Neste momento me deparei com o dilema na minha pesquisa, porque apesar de não ter o desejo de me tornar praticante da doutrina do amanhecer, fui convidado a adentrar mais neste processo, no caso, o desenvolvimento da mediunidade. Eu aceitei o convite como uma forma de manter a diplomacia durante a minha estadia em campo. Ressalto o pensamento de MOURA:

O sociólogo que estuda grupos de sua própria sociedade, portanto se depara com um duplo problema: 1) Produzir uma distância interpretativa de seu “objeto”, que pode estar próximo demais, e 2) se posicionar politicamente como membro de uma elite intelectual em sua própria sociedade. Nesse sentido é interessante traçar um paralelo entre a pesquisa e o campo. (MOURA, 2003. Pág. 15)

Neste esforço de manter a diplomacia com os meus interlocutores e também manter a continuidade da pesquisa, informei que não tinha interesse em passar por este processo. Perguntei se mesmo não tendo interesse em realizar a iniciação ao “desenvolvimento da mediunidade”, seria possível obter mais informações sobre o processo, ao passo que me disseram que não haveria problema, diante disso, decidi buscar mais informações.

Fui então direcionado a uma sala que ficava na entrada do templo. Sobre a porta, em um letreiro estava escrito: “Castelos de Autorização”. Na sala, uma mulher se encontrava atrás de um birô, usava um vestido muito colorido, que misturava cores vibrantes, roxo, azul e vermelho. Ela se apresentou como “Ninfa Lua Dharman

Oxinto<sup>12</sup>”, da falange de anúncio vinda do “mundo verde”. Esta nomenclatura refere-se à influência da cultura egípcia na doutrina do Vale.

Nesse momento eu já estava familiarizado com o universo do VDA, de forma que não me espantei com essa identidade assumida pelos adeptos. A essa altura havia entrevistado o sacerdote dirigente do Templo, e possuía a informação de que: “A filosofia do Vale é esta, não nos interessa quem você é; quando nos procura, nos interessa o que você veio buscar, pouco importa a sua classe social. Assim como não interessa a posição do médium lá fora, aqui dentro somos emissários da luz”. Quando um paciente passa pelo processo de iniciação e se torna trabalhador, recebe um nome de acordo com o povo com o qual ele se identifica<sup>13</sup>.

Como pesquisador, apresentei-me à Ninfa e falei sobre a realização da pesquisa; inclusive ela se tornou uma das minhas interlocutoras<sup>14</sup>. O processo de transição de paciente para trabalhador é feito conforme citado acima, primeiro com a autorização das entidades. Após o interesse do paciente, tem que ser feito um requerimento junto ao “Castelo de Autorização”.

Posteriormente a esse processo de autorização, é necessário assistir aulas durante alguns domingos. Não acompanhei esse percurso porque ele se destina apenas àqueles que serão preparados pela doutrina. Tive acesso a alguns dos manuais sobre o desdobramento dos procedimentos necessários:

O DIÁLOGO COM O PACIENTE - O PRIMEIRO CONTATO: O primeiro cuidado é, no caso dos jovens, saber a idade correta do paciente: se menor de 16 anos, a Autorização só será concedida com a anuência, por escrito, do

---

12 Segundo Tia Neiva: “Desde o Antigo Egito, as sacerdotisas de Horus eram encarregadas da Iniciação de Osiris, desde o recebimento e a preparação do candidato até sua Iniciação. Quando Pytia (encarnação de Koatay 108), em Delfos, determinou que essas mesmas sacerdotisas, que estavam na Mansão da Cruz do Caminho, fizessem a Iniciação Dharman Oxinto (A Caminho de Deus), elas passaram a ser denominadas como missionárias Dharman Oxinto. Essa a razão porque a essa falange missionária cabe a responsabilidade pela Autorização e pela Iniciação Dharman Oxinto. A ninfa encarregada da Autorização deve ser uma missionária Dharman Oxinto – Sol ou Lua – a ser preparada adequadamente para o trabalho: conhecimento da Doutrina, sabendo falar claramente e escrever com letra boa para lançar os nomes e datas no Livro de Autorização. Nos Templos do Amanhecer, o Presidente deverá ter o maior cuidado na preparação das Dharman Oxinto, principalmente tendo em mente que, além da Autorização elas serão incumbidas da Iniciação. Quando a ninfa vai trabalhar na Autorização é necessário que esteja com sua indumentária da Falange ou a de Ninfa Lua ou Ninfa So”. (Tia Neiva. *Manual da Dharman Oxinto*. 2004, p. 14).

13 Não vou entrar a fundo na discussão acerca das identidades promovidas em função do campo religioso. Este é um ponto que quero aprofundar na minha dissertação de mestrado, que resultará da expansão desta pesquisa.

14 É acertado informar que os nomes nos depoimentos não são todos fictícios, fiz a escolha de revelar os nomes verdadeiros de acordo com a escolha dos entrevistados.



Trino Arakém (ou do Presidente), e não fará a verificação da mediunidade, sendo encaminhado às aulas de Doutrina. Nos Templos do Amanhecer, deverá o Presidente decidir sobre cada caso. Abaixo de 18 anos, o paciente deve apresentar a concordância dos pais ou responsáveis para receber a Autorização e ingressar no Desenvolvimento ficando avisado(a) que, até completar 18 anos, não deverá permanecer no Templo após as 20 horas e nem poderá fazer qualquer trabalho em que haja comunicação (Tronos, Alabás, Angical, etc.). [...] A permissão deverá ser conforme o modelo aqui apresentado, e deverá ser preenchida perante a missionária da Autorização, que verificará, por documento de identidade contendo foto do responsável, a autenticidade da dependência do menor. O desenvolvimento para menores de 16 anos só será autorizado por indicação expressa do Trino Arakém, no Templo-Mãe, e pelo Presidente, nos Templos do Amanhecer, por escrito, e anexada à folha assinada pelo responsável pelo menor, juntamente com a cópia da Certidão de Nascimento, sendo que após a Iniciação o menor irá esperar completar 16 anos para, então, fazer sua Elevação de Espadas e prosseguir sua jornada. O paciente deve ser atendido a sós. Não deve haver outras pessoas, nem mesmo cônjuge, pais ou parentes ou amigos presentes no local, a fim de evitar pressão psicológica ou constrangimento do paciente, que deverá sentir-se inteiramente à vontade para expor sua situação à missionária. Não podem ser atendidos dois ou mais pacientes ao mesmo tempo, pois o trabalho é preciso e individual, para cada um. (Tia Neiva. *Manual da Dharman Oxinto*. 2004, p. 20).

Como é possível perceber, a preparação para ser um trabalhador se constitui como um processo de aprendizagem e familiarização com a doutrina, seguindo recomendações prévias. Ao entender esse processo, vi que no VDA não existe o proselitismo convencional de outras religiões, pelo menos não de forma aparente. O percurso se desenrola de modo bastante sutil, já que não há um convite de forma aberta para ser comungante da fé do VDA.

Até aqui é viável afirmar, através dos registros históricos e das revelações nos discursos dos adeptos, que o VDA surge das visões de Tia Neiva e de sua reinterpretação do catolicismo, de religiões Afro-brasileiras, bem como do Espiritismo. Embora seja composta por elementos de várias religiões, há na verdade um esforço para produzir uma doutrina própria, assim como explica Coelho (2006, p. 61):

Uma religião que muitas vezes aparece denominada como Ordem Espiritual Cristão, tentando afirmar o seu diferencial como um movimento doutrinário e religioso que não é Umbanda, Candomblé, Quimbanda, Kardecismo, Hinduísmo, Budismo, Teosofia ou Catolicismo, embora guarde, em suas performances, panteão e linguagem, aspectos que remetem a essas organizações religiosas. Vê-se aí uma tentativa de estabelecer um espaço em uma "posição moral" e uma religiosidade ética para delinear o seu campo de atuação. A organização das religiões é permeada e ritos e mitos, formados a partir de práticas religiosas em uma leitura especial dessas tradições religiosas. Além dessas práticas pude verificar a presença de Candomblé e do budismo tibetano nas crenças e histórias do desenvolvimento da religião no Brasil, e ainda do universo mítico indígena ressemantizado. Os fiéis invocam orixás e falam da importância de um monge tibetano no desenvolvimento da religião. A presença dessas práticas denota uma relação de crenças, mitos e performances que, antropológicamente falando, poderia ser designado de bricolagem do universo religioso brasileiro.

O VDA se configura como um aglutinador de sentidos. São tantos os sentidos, que mesmo num esforço de, nesta dissertação, compreender a trajetória de Tia Neiva, essa doutrina e a forma como ela se constitui. Procurei descrever os elementos que alicerçam essa religião, os tijolos que possibilitam sua sustentação.

Desse modo, o VDA reivindica seu lugar no cenário religioso, afirmando-se como uma nova doutrina. O “lugar moral” que o VDA se propõe a construir é, na verdade, a delimitação do seu campo de atuação. Como já foi apresentado, um lugar de preparação da humanidade para um novo período, o que coloca o VDA dentro das religiões novas.

Há uma intensa relação entre crenças, produzindo outras crenças. Realmente não é algo convencional. E emprego aqui a palavra convencional no sentido de realçar algo diferente do que eu estava acostumado a pensar sobre religiosidade. Essa “dificuldade” de compreensão também aparece na fala dos meus interlocutores, como num trecho de um dos depoimentos:

Eu conheci o Vale através da minha mãe, apesar de minha avó ser muito católica, minha mãe desde que eu me lembro ela gosta muito do espiritismo, né? Antes Kardecista e depois que conheceu a doutrina do Vale ela abraçou a causa. Foi levada como todo mundo, chegou lá como paciente, levada por uma amiga. E depois minha mãe abraçou a doutrina. Na sequência minha irmã também abraçou a doutrina do Vale. Eu muito resabiadamente ia lá deixar e buscar minha mãe. Achava aquilo tudo, visualmente muito diferente e tal, mas um dia resolvi ir como paciente, gostei de ter sentado no trono, de ter conversado com um Preto Velhos, voltei outra vez, gostei de ter participado do trabalho e hoje faço parte. [...] Eu me defino como Cristão, porque acredito muito nas coisas que li a respeito de Jesus Cristo, as coisas que eu li acho tudo muito bacana, o que não quer dizer que eu não acredite em outros que vieram antes dele, como Buda, Maomé... Então eu defino como cristão, um cristão espiritualizado, gosto muito dos ensinamentos do espiritismo, de Alan Kardec, do Kardecismo. [...] Olha eu te confesso que até hoje eu ainda acho muito diferente, em relação ao que tu pergunta sobre o sincretismo que é dotado no Vale. Eles falam sobre muitas coisas, sobre mitologia ali pra doutrina também, utiliza elementos não só do Cristianismo, mas muita coisa do próprio Candomblé, e da Umbanda, do Kardecismo. [...] Uma coisa que fez demorar a me aproximar do Vale, é com relação às indumentárias, o visual, e eu não sei até que ponto isso representa alguma coisa de interessante em relação aos ensinamentos, u acho realmente muito chamativo e eu não sei até que ponto isso representa isso é necessário realmente, representa uma coisa de interessante em relação aos ensinamentos, esse tipo de coisa. Representa uma coisa interessante para aplicação dos ensinamentos das entidades. [...] Como o Vale foi feito em relação à Tia Neiva, ela que pregou isso, ela disse que tinha que ser assim e é assim que é feito. Eu vou ser bem sério contigo, eu não tenho uma crença 100% nas coisas que Tia Neiva disse, ouviu e que ela passou a frente. Tia Neiva, é uma figura pra mim muito emblemática. Até porque não tem tanta coisa assim escrita sobre ela, pelo menos não que eu tenha conhecimento. Tem o que as pessoas contam... O que a gente encontra na internet... Mas eu não tenho opinião muito forte em relação a Tia Neiva, eu só sei assim, eu

me sinto muito bem quando passo pelos tronos, eu me sinto muito bem... Eu geralmente vou muito a agradecer... Quando eu passo pela defumação eu me sinto muito bem... Apesar de ser muito demorado, porque você sabe, os trabalhos demoram muito, mas eu não me sinto cansado. [...] Eu já fui convidado algumas vezes para participar do Vale, porque os Pretos Velhos me chamaram para trabalhar. Em uma dessas vezes eu até comecei, porque depois que você é chamado você faz um teste, para saber se você é aparar ou doutrinador, porque o motivo de eu não ir, porque é responsabilidade muito grande. Uma grande responsabilidade, porque até uma das coisas que não é beber bebida alcoólica, até porque não se pode beber... Isso no Vale não se pode, até porque mistura as energias. Eu vejo a doação e a dedicação da minha mãe... Me senti orgulhoso de ter sido chamado, mas me assusta um pouco a responsabilidade de ter que assumir essas tarefas. [...] Uma coisa que eu acho muito interessante no Vale é o fato de eles não aceitarem doação de quem é paciente... Já tentei várias vezes doar, mas eles não aceitam. Porque eles sempre estão expandindo o templo, construindo alguma coisa, mas eles não aceitam. Isso é um ponto positivo porque não existe esse mercantilismo presente em outras igrejas. (Depoimento de Danilo Aguiar Goes Mendonça, 38 anos. Servidor Público Federal. Paciente do VDA – Fortaleza. Colhido em 29/10/2019)

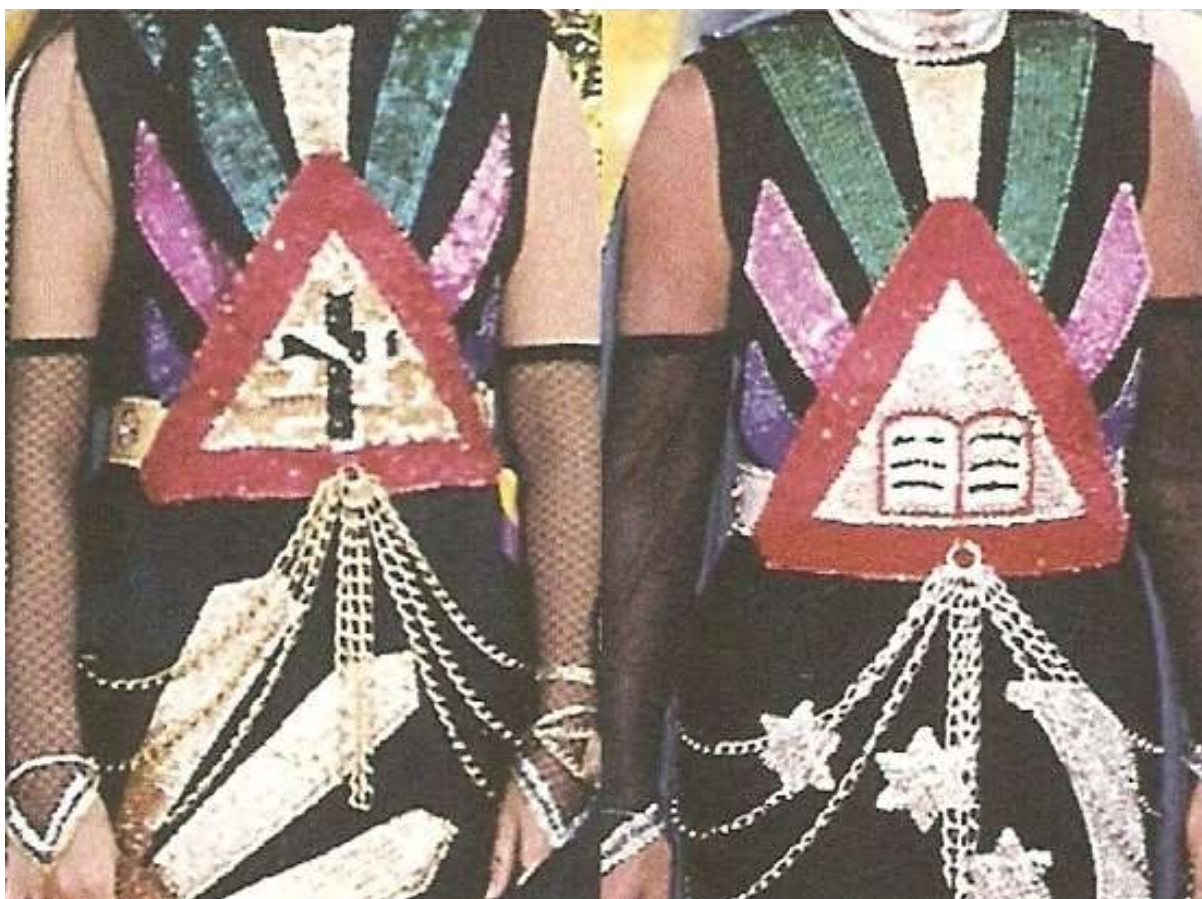
Através dos depoimentos é possível entender que essa moral própria do VDA, a qual exerce uma imposição e regula as ações, atestando, do ponto de vista teórico, a importância da definição proposta por Durkheim (2000) para o fenômeno religioso como instância reguladora dos riscos de contaminação entre o sagrado e o profano. Ao mesmo tempo, assinala-se uma atualização desse conceito, quando nos vemos diante de um pluralismo simbólico que desafia a suposição da presença de um sistema de representações coletivas essencialista ou nitidamente centrado (CARVALHO, 2009).

Já a ética produzida pelo Vale pode ser pensada, por exemplo, como dito na fala do interlocutor, exercendo algumas restrições, no caso do consumo de bebida alcoólica, que é uma exigência para aqueles que serão trabalhadores. Não se pode ingerir álcool, porque, segundo a doutrina, isso produz um desalinhamento das energias, do “ectoplasma” que todas as pessoas possuem; quando se ingere bebidas não é possível fazer a manipulação de energias de forma harmoniosa.

Existe também uma distinção nas obrigatoriedades concernentes à doutrina, que se pauta na hierarquia entre pacientes e trabalhadores. Os pacientes não precisam seguir as mesmas recomendações dos trabalhadores, ou pelo menos, não são impedidos de participar dos rituais, caso não estejam executando todas as determinações. É possível ser adepto da doutrina mesmo não seguindo as recomendações. Já o trabalhador, precisa seguir as ordenanças para estar apto a executar os ritos.

Outro ponto dessa distinção é a doação de ofertas. A captação de doações dá-se somente entre trabalhadores. Outra forma de manutenção é com a venda de objetos (Cd's, livros, imagens das entidades, roupas e afins). Pude ter acesso à loja que fica na área externa ao Templo Gamúrio do Amanhecer e constatei toda a diversidade de materiais. Segundo os responsáveis, a renda é revertida para a manutenção do templo. Os vendedores que atendem aos clientes da loja trabalham de forma voluntária ou, como relatam, “doam seu trabalho de forma voluntária como uma contribuição”. O mesmo acontece na cantina, onde a venda de lanches serve como forma de gerar valores que são desdobrados para arcar com as despesas de água, energia elétrica e insumos necessários para os rituais, como por exemplo, as velas utilizadas nos rituais, pinturas, construções e demais custos.

**Figura 4 - Indumentárias Ninfa Lua**



Fonte: Acervo do Vale do Amanhecer. Acesso em: 14/10/2017

Gera-se renda para o templo também com as indumentárias dos trabalhadores. Quando um paciente passa pela transição para trabalhador, um dos pontos da preparação é tirar as medidas das roupas. É importante destacar esse

ponto, porque as roupas são feitas por vendedores específicos, isto é, a venda é restrita aos trabalhadores do VDA.

A informação primária que recebi foi de que as roupas são confeccionadas apenas no templo matriz no Distrito Federal, na cidade de Planaltina. Ao aprofundar melhor a investigação para entender como se desenrola esse processo, descobri que é possível encontrar alguns sites na *internet*<sup>15</sup> que realizam a venda, mediante identificação do comprador. Apesar de haver uma restrição, o acesso à compra dos uniformes é diferente do que me foi informado em campo.

Percebi essa contradição que perpassa o campo econômico, porque se a venda de indumentárias é algo que ajuda na manutenção do Templo, mas se é feita dessa forma, via *internet*, não existe um controle na captação de recursos provenientes dessa fonte específica. Estou enfatizando este ponto, porque nos trabalhos que li, não há menção sobre a dimensão da economia que é produzida no VDA. Este é outro ponto que pretendo compreender melhor na minha futura pesquisa de doutorado. Até aqui, é possível mencionar esta descoberta.

Assim, todas essas práticas, sejam elas vindas dos seus contextos originários, sejam criadas ou ressignificadas, produzem o que eu entendo aqui neste trabalho como “banquete espiritual”. O VDA é esse lugar religioso de simbolismos, práticas e sentidos diversos. O que eu compreendo por contextos originários, são os lugares primários de algumas práticas, por exemplo, elementos que Tia Neiva retirou do catolicismo, do judaísmo, do budismo etc., produzindo um novo entendimento acerca de símbolos, culturas e tradições para produzir a doutrina do amanhecer.

A doutrina utiliza o verbo “amanhecer”, justamente porque a existência do VDA se pauta nessa missão de levar a humanidade para o terceiro milênio; essa é a missão fundamental do VDA (OLIVEIRA, 2009).

---

15 Em uma busca na *internet*, descobri o endereço <[www.indumentariasdovale.com.br](http://www.indumentariasdovale.com.br)>, que realiza a venda de uniformes mediante cadastro do comprador. É apenas um cadastro com dados pessoais, no qual não é preciso comprovar vínculo com nenhum Templo do Amanhecer. Achei necessária esta informação ser mencionada, porque alguns processos escapam do que é divulgado; isto é, nas informações que obtive. É possível ter acesso inclusive aos preços das indumentárias, informação que me foi suprimida durante toda a pesquisa pelos adeptos do VDA. Disponível em: <[www.indumentariasdovale.com.br](http://www.indumentariasdovale.com.br)>. Acesso em: 30/10/2019.

**Figura 5 - Trabalhadores da Falange de Anunciação Missionária**



Fonte: Acervo do Vale do Amanhecer. Disponível em: <http://valedoamanhecer.org/>. Acesso em: 13/10/2020

A figura de Tia Neiva é central. Sem dúvida, ela foi uma importante líder carismática – no sentido weberiano (WEBER, 1999), que encarnou em sua figura essas diversas missões, cumprindo as obrigatoriedades da sua doutrina e fortificando o credo que hoje continua a se expandir. A complexidade da imagem dessa líder e de toda a multiplicidade que ela encarna na sua trajetória de vida faz perceber que o VDA é um lugar de hibridismo, sincretismo, aglutinação e intensa *bricolagem*. A ideia de bricolagem é ressignificada por Oliveira (2009, p. 17):

Por mais que realize uma bricolagem processa-se uma ressignificação de muitos elementos que são trazidos, como a ideia de carma, que perde o seu sentido fatalístico para ganhar um significado mais plástico, podendo ser sublimado através do desenvolvimento mediúnico, através do ingresso na doutrina, e o posterior trabalho de caridade (oferta de trabalhos espirituais), e, mais que isso, pela ideia de livre arbítrio, o carma pode ser entendido como uma escolha do espírito que pretende expiar suas dívidas mais rapidamente.

Dentro da trajetória do VDA, que está intrinsecamente ligada a Tia Neiva, é possível identificar a “rotinização do carisma” (WEBER, 1999). Mesmo após o falecimento de sua líder espiritual no ano de 1985, seus filhos, assumiram os postos de comando e deram continuidade ao que Tia Neiva havia começado. Isso foi possível



por toda a sistemática que foi deixada por ela, a saber, os manuais que possibilitaram a continuidade dos ritos e do funcionamento do VDA, o que pode ser verificado no livro escrito por sua filha, Carmem Lúcia Zelaya (2015): *Neiva – sua vida pelos meus olhos*. A autora produziu relatos de como se deu a continuidade da doutrina depois do falecimento de sua mãe ou, como ela prefere que seja dito, como se deu o prosseguimento do VDA depois que sua mãe “desencarnou”.

Como os rituais são todos padronizados, o que acontece no VDA no Templo Sede segue o mesmo roteiro utilizado nos demais. Há esse rigor presente nas regras, para que se dê o mesmo processo nos outros templos do Brasil. Foi o que pôde ser constatado no meu campo empírico.

A compreensão da doutrina do ponto de vista dos pacientes aparece como uma dificuldade fixada em seus discursos. Toda a multiplicidade que é mobilizada produz uma percepção total dos fatos e símbolos ou, pelo menos, cria um entendimento obscuro. O que quero dizer é que, pelo fato de o Vale ser um espaço de imensa complexidade, é difícil até para os frequentadores compreendê-lo em sua totalidade. Foi possível identificar essa característica nos seguintes depoimentos:

Eu conheço o VDA há cinco anos. De lá pra cá muito coisa mudou na minha vida, eu tenho muito a agradecer, porque eu cheguei aqui devastada, com depressão, eu só pensava em morrer. [...] Pra te ser bem sincero, a primeira vez que coloquei meus pés aqui no Vale eu tomei foi um susto, eu pensei, meu Deus o que é isso? Porque não era macumba, não era católico, não era nada, nada que eu estava acostumada. Eu cheguei pra um homem com essas roupas que eles usam, eu disse, ei, meu senhor? O que é isso daqui? Ele me disse, aqui é um lugar de paz, você acredita em Jesus Cristo? Vai ficar tudo bem. Eu me acalmei, e continuei, porque se fala em Jesus Cristo? Né? [...] Depois de todo esse tempo tem muita coisa que eu não entendo, mas é aquela coisa, a gente vem porque precisa, e permanece porque dá resultado. Se você me perguntar, o que é isso daqui, eu não sei te responder com todos os detalhes, mas eu sei que é um negócio sério. Como é muita coisa, fica difícil dizer o que é cada coisa, mas se você for atrás Deus te dá a sabedoria de entender. (Ana Lucia, 44 anos. Professora. Paciente VDA – Fortaleza. Depoimento colhido em 06/08/2019)

A primeira vez que eu vim aqui, eu queria sair correndo, porque eu fiquei muito assustada. Antes de ser paciente do Vale eu era evangélica, então você sabe né meu filho? Essas coisas não são vistas com bons olhos. Na hora que eu passei no trabalho de tronos eu fiquei pedindo perdão a Deus depois, porque sentia que tava me misturando com coisas que não eram de Deus. É tanto que eu fui embora e nem passei nos outros trabalhos, no caso os que tinham sido indicados nos tronos, né? Um dia eu resolvi voltar, e eu disse, nos tronos, para o Preto Velho, que tinha ficado mal. Ele então me disse que eu passasse nos trabalhos, se eu me sentisse melhor, é porque isso aqui é uma casa de Deus. Assim eu fiz! Nunca mais deixei de vim. Eu só tenho cuidado para não falar pra minha família, porque eles são evangélicos, eles acham que isso aqui é bruxaria pesada, mas hoje eu sei que não é. [...] Eu não entendo tudo, mas sempre leio e me informo, sei que se as roupas são

desse jeito é porque Tia Neiva determinou, ela era um ser iluminado, se ela sonhou, se Deus revelou que era pra ser assim. Eu fico me perguntando, Deus num revelou as coisas para as pessoas na Bíblia? Por que ele não pode ter revelado pra ela? Deus num continua existindo? É nisso que eu me apego quando me assusto com alguma coisa. (Maria Eurice, 37 anos. Costureira. Paciente VDA – Fortaleza. Depoimento colhido em 06/08/2019)

Eu tô há pouco tempo, sabe? Eu vim aqui porque estava com muita dificuldade de conhecer emprego. Minha amiga é trabalhadora daqui, ela comentou comigo e eu vim. Eu já frequentava a Umbanda, mas fiquei muito encantado com isso daqui. Mas no começo não foi encantado, foi surpreso mesmo. As “coisa” aqui são muito diferente de tudo que eu já vi, sabe? [...] Eu entendo que as coisas aqui são assim, porque tem muita coisa que a gente não sabe ainda, e nem vai saber, são os mistérios de Deus. Eu te confesso que acho muito linda essa missão e dedicação dos trabalhadores, então eu pensei, esse horror de gente acredita e se dedica, então porque eu não posso acreditar? [...] As coisas que tem aqui e que tem na Umbanda, eu consigo entender mais, só que é diferente. Então é a mesma coisa mas não é a mesma coisa. [...] Não é a mesma coisa porque aqui é diferente, tem Preto-velho, mas eles não fumam como ali no Terreiro que eu ia. Nós não precisa pagar obrigação. Tem algumas exigências como em todo lugar, você não pode entrar de qualquer jeito, não é qualquer roupa que pode vestir, não pode de bermuda. Mas eu acho muito bom, as vezes venho do trabalho pra cá. [...] Não entendo muito bem, porque lê a bíblia, reza, tem entidades aqui que eu nunca tinha ouvido falar na minha vida. Essa parte de outros planetas, eu não sei te dizer nada sobre isso, mas eu sei que existe muita coisa que ninguém sabe. [...] Hoje eu me considero espírita, do mesmo jeito que me considerava antes. A única coisa que eu penso que mudou é meu Orixá, que agora é Pai Seta Branca. (Aloísio Pereira, 29 anos. Eletricista. Paciente VDA – Fortaleza. Depoimento colhido em 13/09/2019)

Estas são algumas impressões que pude encontrar nas falas dos meus interlocutores. Embora num primeiro momento essa dificuldade em compreender apareça, há uma mobilização da crença, e à medida que os contatos com a doutrina se ampliam, a incompreensão vai se desvelando. Outro ponto de destaque no discurso é a maneira como esses agentes mobilizam as suas crenças já existentes, num esforço de continuar no Vale. A identificação com elementos de suas crenças originárias facilita a permanência desses sujeitos dentro do VDA.

O banquete do VDA é servido de maneira a atender essas perspectivas. Diante da fusão de credos que produz esse sincretismo, objeto de estudo da minha monografia, é viável uma aproximação com a doutrina. Como o Vale se apresenta de forma múltipla, dificilmente um visitante não identificará algum elemento que remeta a outra religião a qual ele já conheça. Além disso, essa doutrina é única quando reivindica esse lugar de dialogias (CAVALCANTE, 2011), onde o que já existe se ressignifica e produz uma nova crença.

Por fim, quero enfatizar o sincretismo que foi possível identificar na observação dos rituais religiosos. Eu me senti afetado pelo sincretismo da doutrina,



que foi o que mais me chamou a atenção, mas não pela religiosidade ali existente – falando de um interesse pessoal pela doutrina. Ratifico a importância de entender os rituais, e de como isto é preponderante na busca por interpretações e sentidos assim como fórmula Peirano:

Há um último aspecto a enfatizar: no percurso a respeito dos estudos sobre rituais, verificamos que décadas de discussão se passaram para que se chegasse à conclusão de que 1) uma definição relativa de ritual era superior a uma definição rígida, 2) há pouco significado em se procurar diferenças entre ritual e cerimonial, e 3) é irrelevante determinar a primazia entre ritos e mitos. A ideia de ritual hoje nos serve para uma análise antropológica mais ampla e mais rica. [...] em outras palavras o ritual mostrou ser uma porta heurística, pela qual podemos vislumbrar aspectos de uma sociedade que dificilmente se manifesta em falas, depoimentos e discursos. Estamos assim preparados para reconhecer hoje que, muitas vezes, a ação social é mais eloquente para o analista que uma fala descontextualizada. Por meio da análise de rituais, podemos observar aspectos fundamentais de como uma sociedade vive, se pensa e se transforma – o que não é pouco. (2003. Pág. 50,51)

Quando se adentra ao VDA, são tantas as possibilidades encontradas, que fica realmente difícil dizer o que aguarda a quem estará ali presente. Tentei dar conta dessas experiências e eventualidades que perpassam os rituais, as cerimônias, as homilias, liturgias.

### 3 O CAMPO NO VALE DO AMANHECER

Para compreender melhor como se dão as práticas no VDA considero importante descrevê-las, desse modo, quando fui a campo produzi anotações em meu diário de campo. Neste ponto falo sobre a minha ida ao Templo Gamúrio do Amanhecer. Assim que cheguei no templo fui direcionado a acomodar-me em um banco de vários assentos onde outras pessoas já aguardavam atendimento. A recepcionista me orientou sobre a postura adequada àquela situação: não cruzar pernas e braços, e manter as mãos espalmadas sobre os joelhos. Questionei o motivo de tal diretiva e recebi a explicação de que tais posições corporais (cruzamentos) impediriam a livre circulação de energias.

**Figura 6 - Pátio do Templo o Amanhecer**



Fonte: Inventário IPHAN.

Ali, passados alguns minutos, comecei a olhar com estranhamento o que me rodeava. O ritual aos sábados (dia escolhido para minha ida a campo) se inicia às 14h30min, pontualmente. Foi possível ouvir uma sirene tocando ao fundo. Este é o sinal para que os rituais se iniciem – o ressoar desse aviso auxilia os médiuns que permanecem no entorno do templo a entrarem no recinto e começar as atividades

concernentes aos rituais. Nesse momento o sacerdote responsável pela cerimônia leu um texto da Bíblia (a mesma utilizada pelos cristãos<sup>16</sup>).

**Figura 7 - Trabalho de Tronos**



Fonte: Inventário IPHAN.

A todo instante havia um ir e vir de pessoas dentro do templo, entonando cânticos, aspergindo águas perfumadas e conduzindo os rituais. Recebi a informação trazida pela recepcionista de que eu deveria passar pelo trabalho de tronos<sup>17</sup> antes dos ritos que se seguiriam. Quando me dirigi até os tronos, um dos lugares já estava

---

16 O livro sagrado do VDA é o mesmo dos cristãos católicos embora sejam dadas interpretações diferenciadas para as escrituras.

17 O trabalho de tronos é um momento à parte, porque o paciente – condição em que eu me encontrava por ser visitante – é levado para um banco, dessa vez com apenas dois lugares. O trono é uma espécie de bancada, com duas estruturas de madeira. É acolchoado, todo na cor amarela, mas há outros na cor vermelha. Na ocasião, fui levado a um de cor amarela. Assim é a estrutura física do trabalho inicial.

ocupado por uma trabalhadora do Vale<sup>18</sup>. Ela estava sentada, de olhos fechados, vestida com roupas idênticas às da recepcionista. Encontrava-se de cabeça curvada e com as mãos sobrepostas acima da pequena mesa de madeira que ficava defronte ao trono – apesar de ter uma aparência jovem, ela me cumprimentou com uma voz que soava como a de uma anciã; uma fala pesada e vagarosa.

Ela se encontrava incorporada com uma entidade de Preto Velho<sup>19</sup>. De acordo com o que Galinkin (2008, p. 121) descreve:

O paciente obsediado, que sofre a ação dos espíritos e transmite os sinais de seu mal ao *apará*, mediador entre os homens e os espíritos, que codifica os sintomas do paciente nos símbolos da Doutrina, e o médium *doutrinador*, que decodifica as mensagens espirituais e os símbolos da Doutrina para o paciente, ao mesmo tempo em que encaminha o espírito obsessor para o *Astral Superior*.

Atrás do trono, fica de pé outro trabalhador. Este possui a nomenclatura de doutrinador e sua função é sanar possíveis dúvidas que surjam durante a consulta e também atuar durante o ritual de “desobsessão”<sup>20</sup>.

Quando a consulta se encerrou, recebi um papel com uma espécie de ficha. Nele continham-se todos os trabalhos que são realizados, um total de 15 rituais. A

---

18 Esta recebe o título de “Apará”, que dentro da hierarquia de cargos do VDA corresponde ao médium de incorporação, aquele que empresta seu corpo para que os entes do plano espiritual o utilizem na manipulação e condução de energias para o plano material.

19 Os Pretos velhos são entidades que atuam na Umbanda. Para a compreensão desse sistema de crenças tomei por base o trabalho de Gilberto Velho (1984), *Indivíduo e religião na cultura brasileira: sistemas cognitivos e sistemas de crença*. No VDA há uma resignificação e a forma de atuação da entidade se dá especificamente com uma espécie de oráculo que designa como deve ser o percurso do paciente dentro dos rituais. São elencados os trabalhos nos quais o consultante deve estar presente. Assim, há um direcionamento na participação dos rituais; fica a critério da entidade determinar o que se pode ou não realizar, de acordo com o problema relatado inicialmente pelo visitante.

20 Ocorre que segundo a crença do VDA, todos os vivos são acompanhados por “espíritos desencarnados”, pessoas que já faleceram e continuam vagando numa outra dimensão, num plano espiritual; estão numa espécie de limiar entre o mundo dos vivos e o dos mortos – uma crença advinda do fato de o VDA ter suas bases fundantes no espiritismo. Quando as pessoas chegam, é preciso que os espíritos que as obsediam sejam direcionados para o plano espiritual. Por isso, o primeiro passo do ritual se dá quando o médium Apará recebe todos os espíritos “obsessores” e “sofredores” que porventura acompanhem quem se assenta no trono para a consulta. Nessa parte do ritual o Apará silencia e o doutrinador então repete as seguintes palavras: “Ó, Obatalá, ó, Obatalá, receba nestes instantes mais esta ovelha no teu reino”. Esse mantra é repetido quantas vezes sejam necessárias para que haja a limpeza espiritual do paciente. Depois de concluída essa etapa, começa a consulta propriamente dita. Inicialmente fui perguntado sobre o motivo da consulta e o porquê da minha ida estava sempre presente nas indagações. O doutrinador a todo o momento complementa as falas da entidade e se assegura de que nenhuma incerteza quanto às orientações permaneça ao se encerrar a consulta.

entidade me direcionou para cinco das opções que havia naquele papel. A permanência de um paciente visitante no Vale depende dessa primeira consulta. Os indivíduos só são autorizados a passar pelos trabalhos posteriores mediante recomendação e autorização dos Pretos velhos que incorporam nos tronos.

**Figura 8 - Ficha de Autorização de Trabalhos**

**GAMÚRIO DO AMANHECER  
FORTALEZA-CE**

DATA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**CURA INICIÁTICA**

**JUNÇÃO**

**INDUÇÃO**

**SUDÁLIO**

**DEFUMAÇÃO**

**ORÁCULO**

**CRUZ DO CAMINHO**

**RANDY**

**ALABÁ**

**ESTRELA SUBLIMAÇÃO**

**TURIGANO**

**OBSERVAÇÃO IMPORTANTE:**  
 Senhor(a) paciente, não é recomendável passar nos trabalhos sem a indicação das entidades nos Tronos (exceto Alabá e Sudálio).

Fonte: acervo pessoal do pesquisador.

Os trabalhos seguiam a mesma lógica de funcionamento, primeiramente direcionado aos bancos de espera; posteriormente adentrava aos recintos onde os ritos são praticados. Nesta experiência, pude perceber a pluralidade de crenças presentes naquele lugar. O templo traz uma mobilização muito grande de cores, símbolos, significados, entidades, indumentárias e ordenamentos.

Em concordância com o que foi dito previamente, o VDA funciona como um “hospital espiritual” e a cura, em certa medida, é o principal trabalho realizado pela perspectiva da “Lei do auxílio”; isto é, a caridade para aqueles que procuram o Vale é basilar na doutrina. Assim pensou a antropóloga Ana Lúcia Galinkin, (2008), citada por Oliveira:

A obra de Ana Lúcia Galinkin é fruto de sua pesquisa de mestrado realizada no ano de 1977. Sua publicação em 2008 foi influenciada em parte, como a própria autora explica, pelo centenário de Claude Lévi-Strauss, cujos textos

"O feiticeiro e sua magia" e "A eficácia simbólica" nortearam sua pesquisa sobre a cura no Vale do Amanhecer. De lá para cá muitas mudanças ocorreram, o movimento cresceu e se expandiu, Tia Neiva, a líder espiritual, faleceu, bem como o movimento Nova Era tomou outras proporções no país. No entanto, o trabalho de Galinkin continua eximamente atual, seja pelo seu valor etnográfico, que possibilita ao leitor uma imersão no universo do Vale do Amanhecer como poucas etnografias permitem, realizando o esforço de comprovar o "estar lá" nos dizeres de Geertz (2005), seja também pelo esforço teórico em analisar uma prática ritual que envolve a cura espiritual a partir principalmente do arcabouço estruturalista. (OLIVEIRA, 2011. Pág: 208)

Nesse sentido, a autora se debruçou principalmente sobre os rituais de cura no VDA, buscando compreender essa intensa e múltipla mesclagem que ocorre naquele espaço. A caridade é justamente isso, trabalhar na realização de rituais e na manipulação de energias com o intuito de promover curas espirituais. Assim, os adeptos que são atores principais na promoção do cerimonial constituem uma subvenção aos necessitados, de acordo com a religiosidade do Vale.

Minha passagem pelo ritual de cura espiritual seguiu como o terceiro momento no templo. Fiquei aguardando enquanto um ritual acontecia dentro da sala designada para tal. Junto com outros pacientes permaneci em silêncio. Outra recepcionista que acompanhava os pacientes localiza-se sempre a postos, como se estivesse a orientar uma visita guiada, tirando dúvidas, pedindo silêncio dos presentes, dando especificações sobre a postura que deveria ser mantida. Ela também recolheu os nomes das pessoas que foram indicadas pelas entidades nos "tronos dos Pretos Velhos" para passarem pelo trabalho de cura. Há um número limitado de participantes nesse trabalho. O máximo são dez pacientes por sessão. Como me havia sido indicado, pedi que meu nome fosse colocado na lista.

A diretiva sempre se repetia: permaneçam em silêncio, não cruzem braços ou pernas, mantenham as mãos espalmadas em cima dos joelhos, mentalizem o que vieram em busca, retenham os olhos abertos e lembrem-se, vocês receberão o que vieram buscar de acordo com o vosso merecimento. Segundo a "Ata dos rituais do VDA", o "Trabalho de cura iniciática" percorre os seguintes passos:

Sobre CURA INICIÁTICA ficou estabelecido: I. O AMBIENTE = O Sanday de cura é um trabalho que necessita de energia ectoplasmática e assim sendo torna-se indispensável uma perfeita sintonia e harmonia na formação e execução deste trabalho. II. O paciente deve ser encaminhado pelos Mentores que se encontram atendendo nos Tronos. III. FORMAÇÃO DO TRABALHO = Na parte externa são necessários 10 Aparás (não sendo

permittedo prisioneiros<sup>21</sup>) e 8 Doutrinadores (6 com qualquer uniforme e 2 Mestres Adjuração de Capa – um para a Coordenação e o outro, com a lança, ao lado do sal). IV. Para formar o Sanday os mestres têm que estar com indumentária, sendo 4 Mestres Sol, 1 Ajanã, 3 Ninfas Lua e 1 Ninfa Sol (é permitido prisioneiros). V. Na parte externa, o Coordenador e o Mestre da Lança se anodizam e fazem suas emissões. VI. Em seguida, os mestres que vão trabalhar nos Tronos (parte externa) servem-se do sal e perfume e tomam suas posições conforme orientação do Coordenador. VII. Os mestres que vão para o Sanday também servem-se do sal e do perfume só que dentro do Sanday, à medida que vão entrando. VIII. O Mestre Adjuração, Dirigente do Trabalho (responsável pela Prece Luz) pega as Lanças e entrega às ninfas dos Cavaleiros na ordem:

- Cavaleiro da Lança Lilás, que se posiciona na extrema direita do Aledá, ficando a Ninfa à sua esquerda.
- Cavaleiro da Lança Rósea, que fica à extrema direita do Aledá, ficando a ninfa à sua esquerda.
- Cavaleiro de Oxosse, que se posiciona à direita do anodai-anoday, ficando a ninfa à sua direita.
- Ajanã, que entra atrás da Ninfa Sol e se posiciona à frente do Cavaleiro da Lança Lilás, ficando a Ninfa Sol à sua esquerda.

IX. Em seguida o Mestre Adjuração (Dirigente), sem ninfa, toma sua posição entre a Ninfa do Cavaleiro de Oxosse e a ninfa do Cavaleiro da Lança Rósea. X. O Comandante pede aos Mestres que se encontram no Aledá, que façam suas emissões em conjunto. XI. O Coordenador encaminha os pacientes em número máximo de 10 (dez), podendo se fazer acompanhado de crianças de colo. XII. Os pacientes servem-se do sal e do perfume e se acomodam, harmoniosamente, no trono que for indicado pelo Coordenador. XIII. Em seguida o coordenador dá o “pronto” ao Lança Lilás que dá início ao trabalho. XIV. Neste momento todos os mestres se levantam e os Doutrinadores junto aos Tronos erguem os braços e os Aparás entram em sintonia com seus Mentores, e o Lança Lilás faz a abertura. XV. Em seguida o Ajanã faz a prece do Apará acompanhado, mentalmente, por todos os Aparás. XVI. Neste momento o Lança Lilás emite e pede a presença dos Mentores. Os mestres seguram as lanças e os Aparás incorporam. XVII. Decorridos 3 minutos, o Coordenador avisa ao dirigente e este toca a campainha (sino) e os Aparás desincorporam. XVIII. O Lança lilás autoriza a elevação que é feita simultaneamente por todos os Doutrinadores. XIX. Em seguida o Dirigente vai ao Lança Rósea e pede que o mesmo emita o mantra Simiromba. XX. O Lança Rósea aguarda o Dirigente ocupar o seu posto e o Mantra é emitido por todos, em conjunto. XXI. Em seguida o dirigente emite a prece Luz. O trabalho termina e os pacientes são liberados. XXII. Se houver um paciente sem condições de se acomodar nos Tronos, o mesmo será colocado na maca com um Doutrinador e um Apará. XXIII. Obs.: Se

---

21 Segundo a cosmologia do Vale do Amanhecer essa nomenclatura de “prisioneiro” se fundamenta no seguinte mito: “Quando Aragana desencarnou, ao chegar ao plano etérico encontrou um obsessor, um espírito que havia sido sua vítima no passado, tendo sido morto por uma punhalada que ela desferira, e que pedia justiça, clamando por todo aquele ambiente. Aragana pediu à Rainha de Sabá que organizasse o tribunal, para ser julgada. E assim foi feito. Aragana começou a colher bônus para ser ajudada naquela triste passagem. Composto pelos Cavaleiros Verdes, o tribunal começou seu trabalho, com a presença do obsessor. Relatado o crime, as punições começaram a ser apreciadas, com penas duríssimas e de grande sofrimento. O rigor da pena foi excessivo, e isto fez com que o obsessor, recebendo parte dos bônus recolhidos, se apiedasse de Aragana, clamando pela sua absolvição, com o amor suplantando o ódio e a vingança. Perdoada, Aragana seguiu, livre, a sua jornada” (Tia Neiva, 1977, Pág. 15). Conforme o livro: “Leis Iniciáticas da Doutrina do Amanhecer”. 1977. Desta forma, espíritos desencarnados que se sentem injustiçados podem se fazer presentes nos rituais, embora não seja permitido que eles incorporem. Outra metodologia utilizada no VDA é de trabalhadores anotarem nomes de pessoas falecidas, e assim caso elas tenham alguma pendência no planeta Terra e seus espíritos estejam “prisioneiros” aqui, são feitos rituais para sua libertação. Há também um sistema de bônus, quanto mais nomes os trabalhadores anotam, diminuem a sua obrigatoriedade no desenvolvimento da sua “missão” na Terra.



numa das sessões a quantidade de mestres dos Tronos (Parte Externa) for inferior a 10, a sessão poderá ser realizada desde que haja Doutrinadores suficientes e a correspondência de 1 Apará para cada paciente. (No dia 4/fev/2003, ocorreu o I Encontro Doutrinário dos Presidentes de Templos do Amanhecer, no qual o Trino Ajarã implantou a 1ª Etapa da Unificação das Leis do Amanhecer, com a matéria aprovada pelo Trino Araken. A reunião foi gravada em fitas de vídeo e documentada em ata, para registrar e comprovar a veracidade das informações). (Disponível em: <<http://www.gamurio.com.br/>>. Acesso em: 06/09/2020).

Depois de aguardar cerca de uma hora do lado de fora, recebi acompanhado de outros pacientes o sinal para que adentrasse na sala. Havia uma disposição interessante no local, onde já se encontravam alguns trabalhadores. A sala era bem ampla, dividida em dois ambientes com um véu branco que ia do teto até o chão. Essa espécie de cortina feita de véu servia como separação entre dois grupos de trabalhadores.

A estrutura física da sala contém dez tronos de alvenaria, onde os pacientes são acomodados. Antes de nos sentarmos, fomos orientados a formar uma fila perante uma mesa. Sobre ela havia dois vasilhames de vidro: um continha sal, e outro, água perfumada. A recomendação foi que puséssemos uma pitada de sal na boca e depois molhássemos as pontas dos dedos na água, friccionando nas têmporas antes de começar o ritual.

Ulteriormente, fomos orientados a sentar nos bancos; exatamente dez lugares aguardavam os pacientes. Atrás de cada banco permaneciam dois trabalhadores, com vestimentas semelhantes às dos que estavam no “trabalho de tronos”. O trabalho de “cura iniciática” começou com um homem portando uma lança de ferro, que deu início à liturgia. Na sua oração ele se denominava “cavaleiro da lança rósea”, em missão guiada por “Pai Seta Branca”, orientada por “Jesus Cristo” e cumprindo a prescrição de “Tia Neiva”.

É muito difícil em um primeiro momento dar conta de toda a complexidade do VDA, complexidade essa que pode ser enxergada nas orações e em tudo o que compõe esse lugar. Possivelmente trata-se da religião mais sincrética de que se tem conhecimento na contemporaneidade. A multiplicidade de símbolos e rituais aglutinados nessa religião a determinam como o que há de mais plural no universo religioso (CARVALHO, 1999). Tal complexidade é vista a todo o momento nos rituais, assim como pude observar no trabalho de que ora participava.

Depois do momento da oração, o dirigente do trabalho seguiu proferindo: “pedimos a presença nesse momento dos espíritos de cura, para que se cheguem até



aqui e auxiliem no trabalho de caridade destes irmãos sofredores”. Dito isto, todos permaneceram em silêncio e os médiuns que estavam de pé atrás dos bancos começaram a vibrar as mãos, fazendo movimentos circulares sobre as cabeças dos pacientes, como se estivessem a “emanar algum tipo de energia”.

Tudo se transformou num momento de muita reverência. A experiência foi diferente dos trabalhos de tronos pelos quais eu passara antes. Agora a “manipulação de energias” se voltava para algo mais etéreo e sublime. Nessa situação todos os pacientes permaneciam absortos, aguardando a feitura do trabalho.

Em seguida, o mesmo médium que antes pronunciou o mantra de permissão de incorporação das entidades sugeriu que os “espíritos” que ali baixaram fossem embora. Agradeceu a caridade e disponibilidade e depois continuou sua oração com elementos sincréticos. O trabalho se encerrou após as rezas do trabalhador portador da lança. É interessante notar que nessa última oração mais elementos e referências foram trazidos à tona, como por exemplo, a menção de energias vindas de outros planetas, mundos que, segundo a crença do Vale, liberam energias para o planeta Terra.

No terceiro momento no templo fui para o trabalho de indução, que já traz outra ritualística. O ordenamento era sempre o mesmo. Antes de começar o trabalho na sala reservada para que ele ocorresse ficávamos aguardando em bancos que circundam o espaço. Dessa vez um recepcionista nos acompanhava, sempre pedindo silêncio e permanência em espírito de reverência, por se tratar de um lugar sagrado. Algumas pessoas foram advertidas sobre o uso indevido de aparelho celular no interior do templo. Outra recorrência era sempre atentar para a postura, reparar para não cruzar as pernas ou braços.

Fomos conduzidos para outra sala. Esse era o instante do trabalho de junção. De repente uma cortina de tecido azul-marinho foi aberta e naquela sala permaneciam alguns médiuns que conduziriam o ritual. A ata de rituais destaca como o trabalho de Junção deve ser feito:

Junção é um Trabalho Magnético com Forças Ectoplasmáticas formando um Aton e tem a finalidade de libertar Elítrios. Na Junção o Passe é extraído do Aton, na individualidade do Mestre iniciado, onde o paciente recebe o passe de 7 (sete) mestres diferentes. Com esses 7 passes o paciente poderá se libertar de seus Elítrios. **CORPO MEDIÚNICO CONDIÇÃO MÍNIMA:** Os mestres e ninfas só poderão participar desse trabalho após a Iniciação. **UNIFORME:** No Aledá o Comandante deverá estar de Capa e as Ninfas de indumentária. Na fila (parte externa ao Aledá) os participantes poderão estar de branco ou de jaguar. **PRISIONEIROS:** Tanto o Comandante como as

Ninfas Lua do Aledá poderão estar na roupagem de prisioneiro. Na parte externa ao Aledá, os doutrinadores também poderão participar do trabalho na roupagem de prisioneiros (sem capa). A Ninfa Sol prisioneira não deverá participar. Prisioneiros deverão anotar 300 (trezentos) bônus em seus cadernos. **FORMAÇÃO** Este trabalho só poderá ser realizado em Templos que disponham de Corrente Mestra. Um Mestre Coordenador ficará encarregado de organizar e orientar os Mestres e pacientes da parte externa. Enquanto aguarda o início do trabalho, os mestres deverão emitir Mantras para harmonizar o ambiente. Após a formação mínima exigida para o trabalho, verifica se os pacientes foram encaminhados pelos Pretos Velhos e os convida a se sentarem nos bancos de acordo com a ordem de chegada. Os pacientes são colocados nos bancos laterais e deverá receber 7 (sete) passes magnéticos na individualidade de cada doutrinador. O trabalho será composto de: 1 Comandante (de capa); 2 Ninfas Lua com indumentária (que se posicionarão no Aledá); e um mínimo de 7 (sete) doutrinadores de cada lado, contudo o Comandante deve providenciar o maior número possível de doutrinadores (iniciados). Se o Comandante só dispuser, excepcionalmente, de no mínimo 7 Doutrinadores para este trabalho, poderá colocar todos de um lado e os mesmos darão os passes nos pacientes à direita e à esquerda. O importante é que cada paciente receba 7 passes de doutrinadores diferentes. **RITUAL** O Comandante espera o término do Mantra. Depois entrega as lanças (morsas) às Ninfas Lua. Em seguida, pede aos doutrinadores para que fiquem de pé. Logo após faz uma rápida preleção, pedindo aos pacientes que: mantenham as suas cabeças erguidas, olhos abertos, mãos espalmadas sobre os joelhos com as palmas voltadas para cima e que se houver médium de incorporação desta ou de outra doutrina, que não dê acesso às suas entidades, para que obtenha um melhor benefício deste trabalho. O Comandante faz a sua Emissão, em seguida a Ninfa Lua à sua esquerda e finalmente a Ninfa Lua à sua direita. O Comandante toca suavemente a campainha e abre o trabalho: [...] As Ninfas Luas incorporam (sentadas ou em pé), o Comandante pega as Lanças e as coloca apoiadas na Cruz. Os Mestres iniciam o Hino da Junção e começam a aplicar o Passe Magnético nos pacientes (apenas os 7 primeiros doutrinadores de cada lado), enquanto o mestre comandante vai fazendo, por três vezes, a Prece Luz e pedidos aos Grandes Iniciados e aos Médicos do Espaço). Após a aplicação do passe no último paciente, cada doutrinador faz uma reverência na direção da cruz e retorna ao final da fila do lado em que estava. Havendo mais de 7 mestres de cada lado somente os 7 primeiros poderão aplicar o passe. Enquanto os mestres aplicam o passe, o Comandante emite 3 vezes a “Prece Luz” (veja Livro de Leis). Enquanto o Comandante faz a invocação, os Doutrinadores da fila deverão ficar com os braços em posição de antenas (Comando). Terminado os passes, o Comandante aguarda o término do Hino da Junção (pela 2ª vez) e emite a seguinte chave: [...]. Em seguida toca a campainha, agradece às entidades incorporadas, entrega as lanças às Ninfas (que deverão estar de pé) e encerra o trabalho dizendo: [...] O Comandante agradece a colaboração dos Mestres e recomenda aos pacientes a seguirem as recomendações das entidades, informando que estão liberadas daquele trabalho. Enquanto os pacientes vão se retirando, os Mestres permanecem emitindo o Hino do Doutrinador, só saindo após o último paciente. (No dia 30/abr/2003, foi realizada reunião de Sub-Coordenadores e Presidentes para a implantação, pelo Trino Ajarã, da 2ª Etapa da Unificação das Leis do Amanhecer, com a matéria aprovada pelo Trino Araken. A reunião foi gravada em fitas de vídeo e documentada em ata, para registrar e comprovar a veracidade das informações). (Livro de Ata do VDA – Fortaleza, Templo Gamúrio do Amanhecer, 2004).

Entrei na sala seguindo a fila. Dessa vez não havia limitação de participantes. Sentamos e deu-se início ao trabalho. Um homem segurando um braseiro de ferro com uma corrente circulava dentro do ambiente, a fumaça se

impregnava no espaço. Um cheiro doce tomou conta de tudo. Perguntei a um dos trabalhadores o que estava sendo queimado, e ele me disse que se tratava de gravetos e essência de âmbar que tinha sido derramada dentro do pequeno fogareiro. Depois que todos os pacientes se acomodaram no banco de pedra em formato da letra “u”, as preces começaram. Houve uma breve explicação sobre o trabalho – *grosso modo*, foi dito que aquele trabalho serviria como um complemento para ajudar na “cura desobsessiva”.

Não há interação dos pacientes no ritual. As únicas exigências são quanto à postura, o silêncio e a reverência. Diferentemente do que ocorre em outros ritos religiosos, os visitantes estão ali apenas como recebedores de diretrizes, esperando o ritual acontecer. Após isso, houve uma pausa, dirigi-me até a área exterior e pude entrevistar uma paciente que estava ali:

Eu frequento o Vale há sete anos, cheguei aqui desenganada dos médico. Eu estava com depressão, problemas no coração e sem acreditar mais em nada. Quando passei pelos tronos eu disse: Como pode Deus deixar passar por isso? Aí o Preto Velho respondeu: Minha fia, se você não tivesse vindo pra cá, você ia passá muito mais. Foi aí que caí na real. Desde esse dia não parei mais de vim. Minha saúde melhorou muito, não tô curada do coração, mas da depressão, nunca mais senti nada. Meu filho, pra você ter uma ideia, eu não dormia de noite, passava a noite vendo visage. Sendo perturbada por espíritos obsessores, agora nove hora da noite, às vezes não dá tempo nem vê minha novela e já tô dormindo no sofá. O Vale na minha vida é tudo, eu não entendo muito bem as coisas, eu não quero trabalhar, as entidades já me convidaram, mas eu disse que quero ficar só como paciente mesmo. E a coisa que eu acho mais bonito aqui é o trabalho voluntário. Eles não cobram nada, é tudo feito pela caridade, não tem negócio de dízimo, de oferta, de campanha. Eu já trouxe umas pouca de pessoa pra cá. Alguns são até trabalhadores já. Eu tenho muita fé em Deus, sabe? No começo eu ficava confusa, porque aqui tem muita coisa, né? Mas agora o que eu não entendo eu entrego nas mãos de Deus, e tudo dá certo. Se não tivesse resultado eu não vinha. Agora mesmo eu só frequento aqui, antes eu era católica, todo domingo estava na missa, eu ainda vou a missa, mas se eu não vinher [sic] no Vale pelo menos de quinze em quinze dias eu não sou eu, fico doente. E também já fiz muitas amizades aqui, eu tenho minhas amigas, a gente combina e vem juntas, e sempre que eu posso tô aqui. Eu acredito que Tia Neiva era uma mulher iluminada! Tirar tudo isso aqui da cabeça? Ah meu “fi”, tem que ter ciência, e quem dá a sabedoria? Deus! É só estando em comunhão com o céu pra tá aqui dentro. (Depoimento de Maria Aparecida, aposentada, 68 anos. Colhido no VDA – Fortaleza em 16/09/2019)

A maneira como os pacientes lidam com o sincretismo do VDA é diferente da forma dos trabalhadores. A compreensão nem sempre perpassa a multiplicidade. Nesse sentido, o Vale possui muitos elementos oriundos do catolicismo, o que propicia que pessoas que antes professavam a fé católica se sintam representadas e acolhidas na doutrina do amanhecer.

Novamente, no templo, fiquei esperando o trabalho de "Indução". Notei que há uma grande rotatividade de pacientes, pois poucos rostos me pareciam familiares na fila de espera. Todos os trabalhos que são realizados no VDA foram pensados e implementados por Tia Neiva, e assim ela descreve o trabalho de indução:

LEI DO SANDAY DE INDUÇÃO – Uma Indução é uma "corrente descontraída", que capta diversas forças negativas. Uma passagem pela Indução tanto beneficia o paciente como o médium. É um mecanismo original dos Iniciados. É puramente iniciático. Somente o Mestre Tumuchy ou o 1º Mestre Jaguar poderão designar os comandantes. Após a decisão dos dois primeiros mestres, os comandantes, dependendo de uma boa dicção, de formação doutrinária, e levando em conta tudo o que estou dizendo, formam a corrente, em "Círculo Aberto", sentados. No Círculo Aberto ficam médiuns iniciados, Positivos e Negativos, ou seja, um Apará e um Doutrinador, de mãos dadas. O número de médiuns ficará a critério do comandante. Um Doutrinador será designado para preparar o defumador. Um comandante, uma ninfa Sol e uma Baliza Mestre Lua ficarão à cabeceira do Círculo onde ficam os pacientes. O comandante no meio, ao seu lado esquerdo a ninfa Lua e, ao seu lado direito, a ninfa Sol. Todos os três ficarão em posição de "êxtase", isto é, mãos postas na posição do plexo e, com exceção da ninfa Sol, vão imantrando com os braços levantados e girando o corpo. O comandante começa: Meus irmãos sentados à minha frente, Salve Deus! Elevem os vossos pensamentos aos vossos lares, às vossas oficinas de trabalho, às vossas repartições, aos vossos entes queridos, aos vossos amores e, também, àqueles que se dizem vossos inimigos. Ó, Jesus! Venho, neste instante, vos pedir a permissão deste trabalho de Indução. Que as forças benditas possam encontrar acesso em nossos corações. Ó, Grande Oriente de Oxalá! No Mundo Encantado dos Himalaias, ilumina os nossos espíritos, para a elevação deste trabalho! Que os olhos de nossa Mãe Clarividente possam registrar esta Indução. Ó Grandioso Espírito do Poder Iniciático! Pedimos, neste instante, que as correntes negativas de inveja e ciúme possam chegar até aqui! O comandante, levantando mais um pouco a voz, diz: Forças negativas que tentam perturbar estes irmãos sentados à minha frente, cheguem até aqui, em nome de Deus Pai Todo Poderoso. Jesus, Divino e Amado Mestre, receba este mantra, em benefício destes irmãos sentados à minha frente: (emite o Pai Nosso) Ó Divino e Amado Mestre Jesus! Permite que estes irmãos aqui presentes recebam a graça desta Indução! Que toda corrente negativa encontre acesso neste Povo de Seta Branca! Corrente abnegada de Deus, receba esta força negativa destes irmãos aqui presentes! Logo em seguida, o comandante estala os dedos e se inicia o mantra "Noite de Paz", que será cantado duas vezes, com um tempo de duração de cinco a seis minutos. Enquanto isso, a corrente ficará à disposição das forças negativas. Simultaneamente, o comandante fará a prece do Pai Nosso, sempre invocando a presença de Jesus e Pai Seta Branca. A ninfa Lua e o comandante continuam fazendo a imantração. Terminado o mantra "Noite de Paz", o comandante prossegue: "Graças a Deus! Ó, Jesus! Nós te agradecemos por tudo que recebemos. Que estas forças negativas sejam levadas aos planos espirituais dos Mundos Encantados. E agora, Jesus, nós Te pedimos a iluminação deste trabalho, na luz bendita dos nossos abnegados Pretos Velhos! Povo abnegado de Deus!... O comandante estala os dedos e se inicia o Hino do Doutrinador. Simultaneamente, os três, isto é, o comandante, a ninfa Lua e a ninfa Sol, vão aplicando o Passe Magnético nos pacientes. Terminado o Passe Magnético, o comandante, a ninfa Lua e a ninfa Sol voltam a seus postos. O comandante agradece aos Pretos Velhos e diz, logo após formar novamente a corrente: Ó, Jesus! Ilumina a minha consciência para que santificado seja o meu espírito algum dia! Salve Deus! Está liberado este trabalho de Indução!

(Tia Neiva, 28.1.77. Disponível em: <<http://valedoamanhecer.org/>>. Acesso em: 14/10/2019)

No trabalho de indução os ritos acontecem de modo semelhante ao de junção, sempre iniciando com as preces, orações que mesclam elementos ora do cristianismo, ora do espiritismo, fazendo menção a entidades como “caboclos”, “boiadeiros”, “ Pretos Velhos”, “ninfas”, “faraós”, “seres de outros planetas”, “príncipes”, “princesas” etc.; todas essas entidades que são evocadas na citação dos mantras.

Para que fique deslindado o arco temporal da pesquisa, a participação nos trabalhos não foi feita em um único dia. Enquanto estive em campo participei mais de uma vez dos mesmos trabalhos. Mesmo estando ali com o interesse em pesquisar, foi necessário passar pelos trabalhos de tronos, todas as vezes que ia a campo, pois este era um pedido dos dirigentes.

Não há uma exigência de que os trabalhos sejam feitos numa única ocasião, com exceção do trabalho de tronos que precisa ser repetido a cada visita. O paciente pode retornar em outro dia para realizar trabalhos remanescentes. Por conta dessa possibilidade, pude participar dos rituais a cada visita que realizei. A construção do texto da pesquisa foi feita depois com a assistência do meu diário de campo.

Minha participação no trabalho “Oráculo de Simiromba”, possibilitou-me ter a experiência que considero aqui como a mais sincrética pela variedade de elementos apresentados. Há uma fusão complexa de rituais, com elementos que incluem umbanda, mitologia grega, cristianismo e espiritismo. Tia Neiva assim descreve esse ritual:

Oráculo é um tipo de Cabala presidido por um Espírito Superior, um ponto emissor de forças, projetadas por seus raios ou raízes, na medida da necessidade dos trabalhos e de acordo com a capacidade do médium que as vai manipular. Os Oráculos são organizações de um mundo assimétrico, formas de vidas, onde muitas coisas acontecem: manipulações de forças da Natureza, destinos de pessoas, transferências de espíritos e muitos outros fatos. São muitos os Oráculos nos Planos Espirituais, agindo por todo este Universo. Sobre a Terra, três são os Oráculos que agem: o de Simiromba (ou Ariano), o de Olorum e o de Obatalá. Há, ainda, o Oráculo de Agamor, que manipula as energias emitidas por aqueles três Oráculos. A reunião desses três Oráculos forma o Reino Central. Cada raio de um Oráculo é um poder do qual dispõe o mestre ou a ninfa, segundo seu padrão vibratório, sua harmonia, seu desenvolvimento e conduta doutrinária. Cada raio tem sua especialidade, e não existe maior ou melhor raio. Existe, apenas, a soma dessas forças, desses raios. Nunca se sabe de quantos raios dispõe um médium, pois isso vai depender de muitos fatores individuais, principalmente de suas consagrações, de sua evolução, de sua conduta doutrinária, de seu padrão vibratório. Passando em cada consagração um médium acrescenta, se tiver merecimento, pelo menos um raio em sua bagagem. No Templo, temos o Castelo do Oráculo, onde, de acordo com sua Lei específica, se

realiza a incorporação de Pai Seta Branca. Ali se processa a energia plena, projetada pelo Oráculo de Simiromba, para ser manipulada em benefício dos trabalhos, dos médiuns e dos pacientes. Embora fique deserto fora das horas do trabalho, o Oráculo fica permanentemente energizado, razão pela qual, ao passar diante de seu portão, deve o mestre ou a ninfa parar, abrir o plexo e captar, por uns instantes, aquela força que Pai Seta Branca deixa à sua disposição. Com a entrada em ação das forças da Estrela de Nerhu, passamos a ter a projeção do Oráculo de Agamor. (Tia Neiva, 28.1.77, Disponível em: <<http://valedoamanhecer.org/>>. Acesso em: 14/09/2017)

A participação nesse trabalho é demorada, mas os pacientes acompanham a maior parte do lado de fora da sala onde ele se realiza. Apenas dez pacientes de cada vez podem estar presentes nesse rito. No dia em que compartilhei essa experiência, fiquei aguardando junto com os demais num banco defronte à sala. Lá dentro permaneciam à meia luz alguns trabalhadores do Vale. Perguntei à recepcionista o que estava acontecendo, ao que me foi dito: “este é um dos trabalhos mais importantes do Vale, lá dentro haverá a incorporação de Pai Seta Branca, nosso mentor espiritual, e nossa mãe lemanjá”.

Após aguardar em torno de uma hora, a recepcionista nos disse que deveríamos nos aproximar da porta, dar um passo adiante e fazer um pedido ao oráculo. Ela avisou que diria quando o tempo de permanência dentro da sala acabasse. A entrada na sala dessa vez foi feita de forma individual. Os pacientes um após outro adentravam na sala e depois saíam. Quando chegou minha vez, fui até a porta, dei um passo adiante e me portei como orientado.

Alguns trabalhadores, todos em silêncio, estavam de pé dentro da sala. No final da sala, uma mulher estava por trás de um véu, a única de olhos fechados na sala; ao seu lado um homem que trajava as vestimentas comuns ao VDA também usava um cocar imenso em sua cabeça, parecido com um índio nativo norte-americano. Ele estava igualmente de olhos fechados.

Senti o toque da recepcionista no meu ombro, ela me alertou de que o momento de estadia dentro da sala havia acabado. Ao sair, uma trabalhadora segurava uma bandeja com cálices de suco de uva. Ofereceu-me, tomei, e nesse momento me veio à lembrança as ceias que se realizam em igrejas cristãs, quando nos rituais que rememoram a crucificação cálices de suco de uva são servidos da mesma forma.

Há uma pluralidade mobilizada em um único ritual. Ao mesmo tempo em que se faz menção ao Oráculo de Delphos<sup>22</sup>, há uma médium incorporada com uma entidade cultuada na umbanda, Iemanjá. Ao seu lado, uma entidade que na sua história tem plasticidade mítica, Pai Seta Branca. E, para finalizar o ritual é servido o “sangue de Cristo”, trazendo a dimensão do simbólico no ritual da “Santa Ceia” do cristianismo.

No que tange aos rituais, é de extrema importância situar esta discussão. Conforme alguns trabalhos clássicos, a saber, *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*, (1974) de Victor Turner. Suas reflexões sobre o tema se iniciaram a partir da obra de Arnold Van Gennep: *Os ritos de Passagem*<sup>23</sup> (2011). Turner lapidou a noção de liminaridade, ao construir a partir desta o conceito de *communitas*.

Os atributos de liminaridade, ou de *personae* (pessoas) liminares são necessariamente ambíguas, uma vez que esta condição e estas pessoas furtam-se ou escapam a rede de classificação que normalmente determina a localização de estados e posições num espaço cultural. As entidades liminares não se situam aqui nem lá, estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimoniais. (TURNER, 1974. Pág. 117)

O autor pensa a *liminaridade* como a correspondência a um momento de margem, isto é, o rito de passagem em que: os sujeitos aparecem como indeterminados. Isso sugere uma espécie de processo transitório de “morte” social, para, em seguida, “renascerem” e reintegrarem-se à estrutura social. Entretanto, Dentro dos rituais do VDA, não encontrei elementos que configurassem a “reversão de status”.

---

22 Templo de Delfos, local sagrado considerado pela mitologia grega como o grande centro do mundo, pois que situado junto ao umbigo da terra (ônfalo), santuário no qual os antigos gregos ouviam a sabedoria do mais importante oráculo apolíneo, que seria uma tentativa humana de controlar e compreender o seu destino, suprimindo assim o terror humano diante das adversidades da vida cotidiana, nem sempre caracterizada pela segurança e pelo domínio das situações de risco que ameaçam a existência individual e coletiva (JAEGER, Werner. *Paidéia: a formação do homem grego*. Trad. de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995).

23 Van Gennep (2011) dedica-se ao estudo dos rituais a partir de vasto conjunto de dados etnográficos, identificando uma classe específica de ritos, que ele denomina ritos de passagem. Sob essa classe de ritos, indica o autor, é possível agrupar uma grande variedade de rituais que observam um padrão recorrente de distribuição cerimonial, de acordo com a proposta geral da obra de estabelecer uma esquematização dos mecanismos rituais, ou “as razões de ser das sequências cerimoniais”.

Incluí na discussão estes dois autores porque trabalham com a temática dos rituais. E no intuito de realizar uma comparação entre os rituais no trabalho de Victor Turner e o que encontrei nos rituais em campo.

Recorro ao trabalho de Mariza Peirano, “Rituais Ontem e Hoje”, (2003):

O ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral, expressos por múltiplos meios. Estas sequências têm conteúdo e arranjo categorizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição). A ação ritual nos seus traços constitutivos pode ser vista como “performativa” em três sentidos: 1) No sentido pelo qual dizer é também fazer alguma coisa como um ato convencional [quando se diz “sim” à pergunta do padre em um casamento]; 2) No sentido pelo qual os participantes experimentam intensamente uma performance que utiliza vários meios de comunicação [um exemplo seria nosso carnaval] 3) Finalmente, no sentido de valores sendo inferidos e criados pelos atores durante a performance [por exemplo, quando o identificamos como “Brasil” o time de futebol campeão do mundo]. (STANLEY TAMBIAH 1985, apud PEIRANO, 2003. Pág 11)

Esta definição se fundamenta sobre algumas bases e produz cinco orientações: Primeiro, ela evita uma definição rígida do que seja ritual, não pode haver uma antecipação prévia do que é um ritual. Deve ser aprendida junto ao grupo que o pesquisador observa; segundo, no que diz respeito à natureza dos rituais, não deve ser colocado em questão a sua orientação. Ou seja, não importa se eles são: profanos, religiosos, formais, informais, simples ou elaborados; Terceiro, se foi estabelecido que a definição, seja etnográfica, logo um ritual não se caracteriza pela ausência de uma aparente racionalidade ou pela falta de uma relação instrumental entre meios e fins; Quarto, partindo do princípio de que uma sociedade possui um repertório relativamente definido (embora flexível), compartilhado e público de categorias, classificações formas e valores, o que se encontra no ritual também está presente no dia a dia – e vice-versa; Quinto: como vivemos em sociedade tudo aquilo que fazemos tem um elemento comunicativo implícito (PEIRANO, 2003).

Foi a partir, do acompanhamento dos rituais, das falas dos agentes, que pude perceber os sentidos atribuídos. O que destaco como o mais importante é de que há no momento do ritual uma atribuição de excepcionalidade, levando em consideração a perspectiva dos participantes. Os rituais são vistos como momentos especiais. Eventos em que o sagrado é evocado, e há uma diferenciação de outras práticas realizadas no cotidiano.



Antes de finalizar este capítulo, insiro aqui outra discussão importante nesta dissertação, afetação em campo<sup>24</sup>. Quando comecei o trabalho de campo me senti afetado pela multiplicidade que encontrei, dada à complexidade da doutrina do amanhecer, por ser extremamente sincrética. Porém, posso afirmar que minha afetação não passa pela crença ou adesão da doutrina de forma pessoal. Quando conheci o VDA a primeira vez, conforme dito antes, fui motivado pelo convite de amigos, posteriormente quando decidi tomá-lo como objeto de estudo, permaneci numa posição de distanciamento da doutrina. O que quero dizer é que mesmo estando ali, em nenhum momento quis fazer parte do VDA como adepto, tampouco me senti compelido a professar a crença assim como os praticantes. Nem me senti afetado pelos rituais ou práticas ali existentes, no sentido de ser atravessado por “algo sobrenatural”.

Considero que foi uma experiência, que no sentido de ser afetado pelo campo, se diferencia da que ocorreu com Jeanne Favret-Saada, ao pesquisar a feitiçaria no Bocage Francês. No primeiro momento, os nativos recusavam as investidas da autora no campo, com o tema feitiço não sendo sequer comentado. “Foi apenas quando alguém diagnosticou que a etnógrafa fora pega pela feitiçaria que passou a fazer algum sentido falar com ela” (GOLDMAN, 2005, p.02). A experiência pessoal vivenciada pela autora significou de fato ser afetada por algo que afeta os nativos, todavia, com percepções e sensações distintas deles.

Não se trata, como já se escreveu, de entrar em uma relação fusional com as pessoas com as quais estudamos, nem de imaginar, por um condescendente empatia, como seria estar no lugar delas, mas de efetivamente estar nesse lugar, de habitá-lo, ou de ser habitado por ele, não, novamente, por ter se tornado igual àqueles que o ocupam, e sim pelo fato de experimentar as intensidades que o constituem, as mesmas que virtualmente existem "comme une force anonyme, comme un 'ça' venu on ne sait d'où"<sup>25</sup> (Favret-Saada, 1977, p. 311)

---

24 A expressão “ser afetado” aparece, inicialmente, no trabalho de campo realizado pela antropóloga Jeanne FavretSaada sobre a feitiçaria no Bocage francês. A experiência de campo leva a autora não só a reconsiderar a noção de afeto, mas, principalmente, a repensar a antropologia, e nesse sentido colocar em suspensão o método da observação participante. Nessa perspectiva, Saada (2005) afirma que os antropólogos parecem combinar dois gêneros de comportamento no campo da feitiçaria, no primeiro, o trabalho com informantes pagos, em que o antropólogo interroga e observa, dando a ideia de ser nativo quem participa do trabalho do etnográfico e não o contrário. No segundo, a observação de eventos cuja participação é, apenas, uma tentativa de estar lá (FAVRETT-SAADA, 2005).

25 Em tradução livre: “como uma força anônima, como um 'que' vem, não sabemos de onde”.

Quero destacar um grande aliado nesta pesquisa, meu diário de campo, que foi meu aporte nessas imersões no campo. Através desse instrumento foi possível recorrer às minhas anotações para conseguir construir estes relatos que estou escrevendo. Assim pontua Sáez (2013, p. 165):

O diário de campo é, de longe, o principal elemento técnico y metodológico da pesquisa etnográfica. Até o ponto de que poderia se dizer, com pouquíssima margem de erro, que uma pesquisa etnográfica sem diário de campo não é uma pesquisa etnográfica. [...] o diário de campo deve ser a principal leitura do pesquisador que elabora seus resultados. Muito à frente dos textos mais inspiradores, dos manuais, dos clássicos. Muito à frente também das próprias cadernetas de notas.

Nesse ponto emergiu minha intenção de compreender o sincretismo<sup>26</sup> presente no VDA, observando como se dá o estabelecimento do banquete espiritual, que surge como categoria nativa identificada nas imersões em campo, nas falas dos interlocutores que serão expostas e discutidas posteriormente no decorrer do trabalho, destacando-se o hibridismo cultural e religioso que reside no VDA.

---

<sup>26</sup> Entende-se aqui por sincretismo a fusão de diferentes cultos ou doutrinas religiosas, com reinterpretação de seus elementos (CARVALHO, 1999).

#### 4 NOVACAP

É imprescindível para o empreendimento aqui proposto contextualizar o que Reis e Siqueira (2010) chamam de Brasília Mística. Para a análise, o VDA e a trajetória de Tia Neiva, serão vistos como pertencentes a uma configuração ampliada que envolve os mitos em torno da capital da República e do planalto central.

Brasília, inaugurada em 1960, nasceu a partir de dois grandes mitos de criação: a Cidade Utópica e a Terra Prometida (cf. Siqueira e Bandeira, 1977). O primeiro está inscrito no planejamento urbano e na arquitetura futurista do Plano Piloto. Os fundadores da cidade estavam imbuídos do sonho e da missão de inaugurar um novo tempo e uma nova civitas para o Brasil, que seria fundada no belo, na igualdade e na universalidade. Esse mito converge com um outro, místico, referenciado nas profecias de Dom Bosco, que se tornou, inclusive, o padroeiro da cidade. Coincidência ou não, esses dois mitos estão na base do fenômeno místico-esotérico que designa Brasília como a Capital do Terceiro Milênio ou da Nova Era. É fato que a profecia do Santo foi se materializando. Na capital e na região, há um número cada vez maior de pessoas e de grupos que estão tentando construir uma nova consciência religiosa, ancorada na busca do autoconhecimento e do autoaperfeiçoamento, na construção de uma nova visão, holística, do mundo, e construída, por boa parcela deles, em torno da preparação para a Nova Era ou Novo Milênio. O básico dessa nova consciência é composto por elementos cristãos e de outras tradições religiosas; cósmicos (energia universal, forças cósmicas ou unidade do cosmos); elementos de um eu sublimado (eu superior, eu maior, etc.) e valores reificados, como amor, liberdade e paz. (SIQUEIRA, 2002. Pág. 179-178)

O VDA se coloca justamente dentro desse contexto, e o fato dessa manifestação religiosa ter se iniciado junto à construção da Novacap, faz com que a tentativa de reconstrução dos trajetos e caminhos tomados por Tia Neiva, perpassa pela construção da cidade. E, como se pode observar, a ideia de cidade futurista e com valores de igualdade e universalidade começou a ser gestada muito antes de ser erguida.

**Figura 9 - Tia Neiva no lago (Templo Mãe)**



Fonte: Inventário IPHAN.

Para pensar o indivíduo, tomando como ferramenta analítica a teoria eliasiana, não se pode deslocá-lo de seu tempo, por isso, é uma tentativa errônea a de se propor a explicar eventos sociais unicamente em função das ações humanas intencionais: os processos são engendrados pelo entrelaçar de ações intencionais e planos de muitas pessoas, mas nenhuma delas realmente os planejou ou desejou individualmente (Elias, 1997b: 360). Nas palavras do próprio autor:

a interpenetração de indivíduos interdependentes forma um nível de integração na qual as formas de organização, estruturas e processos não podem ser deduzidos das características biológicas e psicológicas que constituem os indivíduos (Elias, 1970: 50).

Assim a figuração que circundou a vida de Tia Neiva serve para a investigação do processo e das redes de interdependência que propiciaram a construção de seu postulado como sacerdotisa e inauguradora de uma das religiões mais sincréticas do mundo. A criação de Brasília, para sediar a capital do Brasil foi momento de intensas transformações nas diversas esferas da sociedade brasileira. O país estava sob a égide de Juscelino Kubitschek, então presidente no período de 1956 a 1961.

Dentro do processo histórico da sociedade brasileira, a construção de Brasília tem lugar de destaque como um evento marcante. O mandato de cinco anos de JK como presidente teve seu apogeu na decisão de construir uma nova capital, localizada exatamente no centro geográfico do país. Já havia previsão da construção da cidade nesta localização, conforme ordenado na Constituição de 1891, na Constituição de 1934 e na Constituição de 1946, mas foi adiada sua construção por todos os governos brasileiros desde 1891 Kubitscheck (1975).

Dois arquitetos foram responsáveis por iniciar as obras: Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, o início do empreendimento foi em fevereiro de 1957, mesmo ano em que Tia Neiva alega ter tido suas primeiras visões. Todo o aparato mobilizado contava com mais de duzentas máquinas e os operários vindos principalmente das regiões norte e nordeste do país, totalizando 30 mil candangos. O regime de trabalho era contínuo, durante dia e noite exerceram atividade laboral para cumprir o prazo de entregar a cidade pronta, na data estipulada 21 de abril de 1960, em homenagem à Inconfidência Mineira. Bomeny assim expõe a construção de Brasília:

Os simbólicos "50 anos em cinco" tiveram uma cidade como materialização histórica: Brasília, a capital inaugurada em 21 de abril de 1960. Simboliza essa cidade o tom que o presidente da República imprimiria ao país - dinamismo, coragem, tenacidade, pioneirismo desbravador e audácia -, fruto da vontade política associada ao espírito de aventura. As imagens de época são fonte privilegiada de alimento a esse conjunto de valores. JK se misturava aos candangos, empoeirava-se, inspirava letras de música, estimulava socialmente o sonho que se tornara seu da ousadia do desenho arquitetônico moderno. É possível ultrapassar barreiras se a bússola da ação política são a vontade e a crença na utopia. Em sua utopia, Brasília faria a ponte entre o projeto moderno de Juscelino Kubitschek de Oliveira e o modernismo mineiro dos anos 1920. (BONEMY, 1991. Pág 203)

O maior problema enfrentado diante desse empreendimento de construir a nova capital ou Novacap como já denominada era o custeio, Getúlio Vargas – GV, foi quem propôs uma solução para o problema, em 1953, em mensagem ao Congresso Nacional sugeriu a construção de uma Companhia urbanizadora, que apenas em 1956 resultou na lei que instituiu a Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil NOVACAP, Lei nº 2.874, de 19 de dezembro de 1956. Que em seu artigo 3º instituiu a Companhia Urbanizadora da nova Capital. A ideia de como obter os recursos para construir Brasília foi de GV, entretanto, Juscelino Kubitschek - JK foi o responsável por sancionar a lei e colocar em prática o audacioso plano de transferir a capital do Brasil para o Centro-Oeste em apenas cinco anos.

Vencida a fase inicial de estudos e levantamentos que se iniciara em 1892 com a Missão Cruls e prosseguira em 1948, com a Comissão Poli Coelho, foi nomeada, em 1953, a Comissão José Pessoa, com a finalidade de planejar a mudança da Capital Federal. O problema essencial do custeio do empreendimento permanecia, porém, sem solução, e isso impedia que se passasse do terreno meramente teórico e especulativo para o das realizações práticas. A solução desse importante problema foi proposta em mensagem que o Chefe do Poder Executivo dirigiu ao Congresso Nacional, em abril de 1953. Dessa mensagem resultou a Lei n.º 2.874, a qual, em seu art. 2º, autorizou o Poder Executivo a constituir uma sociedade, a Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (NOVACAP), com as seguintes atribuições: 1º) Planejamento e execução do serviço de localização, urbanização e construção da futura capital, diretamente ou através de órgão da administração federal, estadual e municipal, ou de empresas idôneas com as quais contratar; 2º) Aquisição, permuta, alienação, locação e arrendamento de imóveis na área do Distrito Federal, ou em qualquer parte do território nacional, pertinentes aos fins previstos nesta lei; 3º) Execução, mediante concessão de obras e serviços da competência federal, estadual ou municipal, relacionados com a nova capital; 4º) Prática de todos os mais atos concernentes aos objetivos sociais, previstos nos estatutos ou autorizados pelo Conselho Administrativo. Houve da parte do legislador o propósito de conferir a tarefa da urbanização da nova capital do País a um órgão que, embora vinculado à administração federal, não tivesse, entretanto, feição burocrática, mas ao contrário pudesse gozar da flexibilidade de estrutura características das empresas privadas. (LIMA; LOPES, 1959)

Fica nítido que a ideia de ocupar o Centro-Oeste brasileiro não é algo exclusivo das décadas que compreendem o mandato de JK, tanto institucionalmente como pensado pelo misticismo, não se pode esquecer que essa realização de erguer uma terra prometida tem um arco temporal que se inicia muito antes de 1955. Para os adeptos de religiões mítico-esotéricas, a fala profética de Dom Bosco, em agosto de 1883 é algo extremamente significativo, o que dá um sentido para a ocupação de Brasília por estas denominações religiosas. Mesmo nunca tendo visitado o continente americano, suas palavras reverberaram e produziram uma narrativa em que as crenças fomentaram ações que culminaram com a transformação da Novacap num grande celeiro de religiões esotéricas SIQUEIRA (2002). O presságio de Dom Bosco dispõe o seguinte:

Entre os graus 15 e 20 havia uma enseada bastante longa e bastante larga, que partia de um ponto onde se formava um lago. Disse então uma voz repetidamente: -Quando se vierem a escavar as minas escondidas no meio destes montes, aparecerá aqui a terra prometida, de onde jorrará leite e mel. Será uma riqueza inconcebível. (BOSCO apud NAZÁRIO, 2010)

Como já foi apresentado até aqui, há uma relação direta da construção da Novacap com a vida de Tia Neiva. Ela estava presente no Centro-Oeste antes da construção da cidade, e trabalhou diretamente nas obras, o que a coloca literalmente como partícipe da estruturação da cidade e de sua doutrina.

Cabe lembrar uma figura que foi de suma importância na trajetória de Tia Neiva, o engenheiro Bernardo Sayão. Ele foi padrinho de seu primeiro casamento, seu esposo Raul Zelaya Alonso trabalhava como secretário dele. Ele era amigo de Tia Neiva e foi responsável por convidá-la a trabalhar diretamente para a NOVACAP<sup>27</sup>. Dentro das redes de interdependência de Tia Neiva, foi um ator de extrema importância, por ser um indivíduo que à época possuía bastante influência e estava envolvido diretamente com a NOVACAP REIS (2008).

Antes de falar especificamente sobre Bernardo Sayão, é preciso compreender a estrutura da NOVACAP, pois foi onde Tia Neiva trabalhou como motorista de caminhão. Foi neste órgão responsável por edificar Brasília que Sayão era diretor.

A NOVACAP surgiu como forma de dar uma maior flexibilidade e dinamicidade ao órgão responsável pela construção de Brasília. Por isso, foi criada uma sociedade e não uma repartição pública. Isto conferia a diretoria, apesar de ser controlada política, jurídica e administrativamente através dos órgãos de planejamento do Congresso Nacional e do Tribunal de Contas da União e do poder executivo como um todo, gozava de relativa flexibilidade de estrutura característica de empresas privadas.

Houve da parte do legislador o propósito de conferir a tarefa da urbanização da nova capital do País a um órgão que, embora vinculado à administração federal, não tivesse, entretanto, feição burocrática, mas ao contrário pudesse gozar da flexibilidade de estrutura características das empresas privadas. (LIMA; LOPES, 1959)

Tratando da rede de relações que Tia Neiva possuía, uma figura central foi o engenheiro agrônomo Bernardo Sayão. Para se ter noção da importância dele, se relacionava diretamente com JK, como expõem Schwarcz e Starlin:

Em janeiro de 1958, com o preço do petróleo relativamente baixo e a entrada da indústria automobilística no país, Juscelino avaliou que o desafio de abrir

---

27“ A Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap) foi criada através de lei, em 19 de setembro de 1956, pelo então presidente do Brasil, Juscelino Kubitschek de Oliveira. A finalidade única era gerenciar e coordenar a construção da nova Capital do Brasil. Em 21 de abril de 1960, a Capital foi inaugurada, entretanto muita coisa ainda deveria ser feita para que a cidade tivesse condições de ser a Capital do País, efetivamente. Com este objetivo, a Novacap continua existindo, como uma empresa pública, tendo como sócios a União e o Governo do Distrito Federal, com 43,33% e 56,67% de ações, respectivamente. Por ser uma empresa do Governo do Distrito Federal, a Novacap é o principal braço executor das obras de interesse do Estado, e sua vinculação é direta com a Secretaria de Estado de Obras”. Disponível em: <http://www.novacap.df.gov.br/a-novacap/> acesso em: 23/08/2019

novas rodovias de terra vermelha e asfalto valia a pena: mandou chamar ao catete o engenheiro agrônomo Bernardo Sayão, funcionário do Ministério da Agricultura, um tocador de obras com pinta de galã e espírito desbravador, e propôs cortar os cerrados do Brasil Central [...] (SCHWARCZ; STARLIN, 2015, p.416)

Assim JK se refere a ele:

Quem olhasse o local onde estava sendo iniciada a construção de Brasília, sempre o veria: chapelão na cabeça; rosto queimado de sol, suando em bica. Estava em toda a parte e sempre em atividade. Reservava para si as tarefas mais árduas e perigosas e as executava com seu inextinguível bom humor. À beleza viril do físico privilegiado aliava-se invejável formação moral. Era bom por natureza e bravo por instinto. (KUBITSCHEK, Juscelino. 1975, p. 52)

A história de Sayão com o desbravamento do Centro-Oeste, porém, é anterior a gestão de JK, ele fazia parte da “Marcha para Oeste”, materializado com ações efetivas pelo Estado Novo, na era Getulista. Sayão foi nomeado por GV para ser administrador da primeira Colônia Agrícola Nacional de Goiás – CANG.

Para definir o local no qual a CANG seria instalada, constituiu-se uma comissão composta por Oliveira Marques, Eduardo Cláudio, Luiz Honório Ferreira e Luiz Caiado de Godoy; além do Engenheiro Bernardo Sayão, nomeado por Getúlio Vargas para ser o administrador da CANG (SAYÃO, 1984, p. 53)

É importante ressaltar a forma de funcionamento desse órgão, e a autonomia que os diretores possuíam, porque ao sair à lista tríplice de diretores da nova sociedade responsável pela construção de Brasília, um dos diretores era Bernardo Sayão, que ato contínuo a sua nomeação de diretor, convidou Tia Neiva, que neste momento, como foi dito, já era uma experiente motorista de veículos pesados, pois ela trabalhava com o transporte de passageiros em Goiânia desde 1953 e já possuía a habilitação para veículos pesados antes desse período. O convite de Sayão foi para que ela ocupasse o cargo de motorista ligado diretamente a NOVACAP, que também contratou outras 124 empresas, entre construtoras e incorporadoras de todo o Brasil CARDOSO (2004).

Tia Neiva prontamente aceitou o convite e se mudou para o Núcleo Bandeirante no Distrito Federal em 1957. Onde fazia o transporte dos candangos e de materiais de construção para a edificação das monumentais construções da nova capital brasileira.

#### 4.1 Finalizando a trajetória mágica



Norbert Elias na obra “A Sociedade dos Indivíduos”, especificamente no segmento “Mudanças na balança nós -eu”, propõe uma análise na relação entre indivíduo e sociedade. Isso é realizado ancorado em uma Sociologia processual e histórica. A partir de seus escritos é possível pensar sobre o que é indivíduo, o que é sociedade e como ocorre a relação indivíduo e sociedade.

Para ele: “atualmente a função primordial do termo indivíduo consiste em expressar a ideia de que todo ser humano do mundo é, em certos aspectos, diferente de todos os demais, e talvez deva sê-lo”. “O conceito de sociedade costumava referir-se, implicitamente, às sociedades organizadas como Estados, ou talvez como tribos” (ELIAS, p.132, 1987).

Essa discussão tão cara as ciências sociais ancorada na dicotomia indivíduo/sociedade é explicada por Elias a partir da perspectiva de um processo de desenvolvimento da humanidade. Ao longo desse processo os conceitos foram se aprimorando considerando algumas variáveis, tais como o tempo e a própria relação entre indivíduo e sociedade.

Cada indivíduo possui sua identidade – eu, e sua identidade – nós, em algumas a depender do momento histórico uma prevalece mais que a outra. O autor cita o conceito de habitus de Bourdieu, “Esse habitus, a composição social dos indivíduos, como que constitui o solo de que brotam as características pessoais mediante as quais um indivíduo difere dos outros membros de sua sociedade”. (ELIAS, p.150, 1987). Assim, Elias tenta buscar um equilíbrio na relação nós – eu, dentro das mudanças ocorridas durante o desenvolvimento histórico da sociedade.

Esta obra em específico é de fundamental importância para o exercício de análise proposto aqui. A partir do panorama propiciado pelo entendimento da teoria eliasiana é possível entender a trajetória de Tia Neiva. O cerne da questão nesse momento é explanar como agentes que estavam dentro do processo da construção de Brasília incorporaram as ideias de modernização do país. E, além disso entender que o VDA não foi a única manifestação religiosa que surgiu naquele momento histórica.

Para Elias, a sociedade é formada por indivíduos com características singulares em cada tempo e espaço. Por intermédio dessas singularidades que, em cada tempo e espaço se forjam ou se constroem diferentes sociedades. Essas sociedades são “arquitetadas” por tramas de relações sociais, para isto ele dá o nome de “fenômenos reticulares”, em outras palavras, funções exercidas em cadeias de atos

(ações) são gestadas no interior de uma rede móvel humana de relações de interdependências. Essa rede se constitui por estruturas, cadeias de ações assim como limites e possibilidades.

Assim, para pensar meu objeto, elenco alguns elementos que são identificados na trama de relações e redes de interdependências de Tia Neiva. Conforme venho demonstrando neste trabalho, Tia Neiva chegou ao Centro-Oeste no momento propício para realização do seu empreendimento chamado VDA. O fato de ser motorista de caminhões a colocava literalmente no processo de construção da Nova Capital. Mas, foi graças a sua rede de interdependências que ela obteve êxito. Conforme citei antes, Bernardo Sayão foi uma figura importante na modernização do país através do desbravamento do Centro-Oeste do Brasil, e este era amigo de Tia Neiva, o que a proporcionava um contato direto com o Estado.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O último momento deste trabalho visa apresentar uma síntese dos principais achados desta dissertação e o modo como estes suscitaram novas inquietações ainda no campo da Religião. Investigar tal fenômeno a partir da forma como este se apresenta na religiosidade do VDA, a saber, a identificação dos elementos constitutivos do referido debate, os significados da noção da Sociologia da Religião empregada em tais discussões, bem como os agentes envolvidos em tais práticas de apropriação e os desdobramentos de suas ações.

O que tem a nos dizer o Campo Religioso? Compreender o fenômeno religioso propicia o entendimento da dinâmica social, ou seja, um fenômeno religioso também é um aspecto da cultura, e uso aqui a seguinte definição de cultura:

é sempre tanto tradicional quanto criativa; que é tanto os mais ordinários significados comuns quanto os mais refinados significados individuais. Usamos a palavra cultura nesses dois sentidos: para designar todo um modo de vida – os significados comuns –; e para designar as artes e o aprendizado – os processos especiais de descoberta e esforço criativo. Alguns escritores usam essa palavra para um ou para outro sentido, mas insisto no dois, e na importância de sua conjunção. [...] A cultura é algo comum, em todas as sociedades e em todos os modos de pensar (WILLIAMS, 2015. p. 5-6)

Tanto a Sociologia Alemã quanto a Sociologia Francesa nasceram com obras que abordam o fenômeno religioso. Então, a Religião é um chamariz muito grande para os pesquisadores PIERUCCI (2004). Vale ressaltar aqui a temática em diálogo com meu objeto. O Brasil é um país que teve, na história recente, um grande espaço de liberdade religiosa. “Quanto maior a liberdade religiosa, maior a diversidade religiosa numa determinada coletividade” (Pierucci, 2004).

Isso é demonstrado na própria existência do VDA, mesmo o Brasil sendo um país de maioria católica, essa religião se destacou e se solidificou ao longo de 50 anos, mesmo após a morte da mentora do VDA Tia Neiva. Quanto maior a diversidade religiosa maior é a pressão para que o Estado não interfira no campo religioso. Apesar das Ciências Sociais não serem capazes de formularem leis, isto é quase uma lei geral PRANDI (2010).

Maior a liberdade religiosa maior a pluralidade de manifestações religiosas. Quando se dá possibilidade de desenvolvimento de credos, o que foi o caso de Brasília, sendo essa cidade celeiro (SIQUEIRA, 2003) com grande pujança religiosa.

Por outro lado, com muita abertura se cria uma concorrência religiosa, havendo uma desregulamentação política que, desnormaliza criando um espaço concorrencial. Nesse contexto de diversidade religiosa se colocam como seus principais sujeitos os indivíduos que são “profissionais religiosos”, que são aquelas pessoas que são chamadas de lideranças religiosas, que precisam estar preparadas para essas concorrências, um fato que comprova isso é a abertura das igrejas neopentecostais 24 horas abertas para atender a demanda e disputar seu público PIERUCCI (2004).

Para Pierucci a demanda por Religião no Brasil não surgiu espontaneamente do povo. O povo na realidade passou a ser alvo de uma oferta maior de Religião nas últimas décadas do Século Vinte (ibidem). Com o campo religioso bastante ativado, o Brasil ficou mais religioso em termos de oferta religiosa. As religiões hoje, trabalham com propaganda, são obrigadas a estudar técnicas de persuasão até para os seus interessados, porque se elas não fizerem isso outras farão. E no caso do VDA? Todos os templos espalhados pelo Brasil e no Exterior, possuem sites de divulgação e promoção da Doutrina do Amanhecer.

No Brasil da década de 60, havia esse momento de muita oferta religiosa, e esse é um ponto muito importante que ajuda a compreender melhor o campo religioso dentro daquele período histórico. Uma chave analítica para pensar porque Tia Neiva conseguiu esse feito e como sua Religião se constituiu e chegou até os dias atuais. Através do proselitismo e de todo o aparato de discursos amparados na “fé e caridade”. Nos tempos hodiernos há ainda uma grande oferta religiosa no campo religioso brasileiro, embora figurem como principais o neopetencostalismo e catolicismo. O povo está sendo insistentemente mais trabalhado pelos profissionais da religião.

Weber produziu uma análise de História comparada, em diversos países, tentando compreender por que o capitalismo venceu como a forma mais racional burocrática de organização social? E como a Religião (protestante), no caso, o calvinismo, fundamentou a prevalência do capitalismo como maneira mais racional, que posteriormente esparramou para o mundo inteiro. Isso tem a ver com as formas mentais que a Religião incute nos indivíduos e na maneira como eles lidam com o mundo social. O cerne da questão para Weber era descobrir quais as decorrências que a Religião causava e os sentidos diferentes que ela imprimia em diversas sociedades WEBER (2014).

A teoria eliasiana dos processos civilizadores permite verificar tanto mudanças em longo prazo nas emoções e estruturas de controle dos indivíduos em sociedades particulares, como nos permite estabelecer tal relação entre mudança social e alteração em nível de personalidade nas sociedades como um todo. Isto é possível porque o autor desenvolve suas observações de modo comparado, apontando tanto para as particularidades de cada caso, como para as regularidades entre eles.

A consolidação da coerção por parte do Estado aparece nas análises de Elias intimamente relacionada ao monopólio da força e da violência. Isto se explica pelo fato de que junto à formação dos estados nacionais, ocorre também a intensa diferenciação de funções entre os indivíduos e a consequente interdependência entre eles (ELIAS, 2011).

A diferenciação de funções consiste também na formação de hierarquias entre os indivíduos. Quanto maior o grau de diferenciação entre estes, maior é a necessidade de existência de órgãos capazes de controlar suas emoções de modo a manipular o equilíbrio das tensões e assimetrias que a estes se interpõem. Neste sentido, o monopólio da violência assegura a participação efetiva do Estado no processo civilizador, a saber, na formação do habitus, este saber social incorporado. Assim, essas transformações sociais ocorridas de forma processual ao longo de várias gerações podem aparecer incorporadas às estruturas psicológicas inclusive sob a forma de um habitus nacional, este, intimamente relacionado às próprias transformações pelas quais passou o Estado no decorrer de seu processo de formação. (ELIAS, 1997). Em seu estudo sobre o desenvolvimento social alemão, Elias afirma que:

Os destinos de uma nação cristalizam-se em instituições que têm a responsabilidade de assegurar que as pessoas mais diferentes de uma sociedade adquiram as mesmas características, possuam o mesmo habitus nacional. A língua comum é um exemplo imediato. Mas há muitos outros. [...] talvez se possa perceber que [...] a questão central é como os destinos de uma nação vêm a ficar sedimentados no habitus de seus membros individuais. [...] Ainda hoje não é prática comum ligar o habitus social e nacional corrente de uma nação à sua assim chamada história e, em especial, ao processo de formação do Estado por que passou. (ELIAS, 1997, p.30).

Pensar a ideia de habitus tal como propõe Elias, nos permite afirmar que esta não se trata de uma categoria essencialista, mas sim daquilo se situa entre continuidade e mudança. Da mesma forma podemos pensar o processo civilizador.

Como dito anteriormente, este não é teológico nem irreversível, já que sua direção não é única e nem supõem uma etapa final. Nos parágrafos a seguir, nos deteremos um pouco mais no estudo de Elias sobre o caso alemão para verificarmos as dinâmicas do habitus, especificamente de um habitus nacional e ainda sobre transformações ocorridas em um processo civilizador, culminando inclusive em surtos descivilizadores (ELIAS, 1997). Ao longo de sua análise, o autor põe em evidência o fato de que nem sempre os grupos ou classes sociais que concederam apoio às ideias de Hitler e sua conseqüente ascensão eram adeptos de tais valores.

Quando o autor fala da natureza descontínua do desenvolvimento de tal Estado-nação e da relação direta de tal descontinuidade com as mudanças nas estruturas de personalidade do povo alemão, Elias aborda justamente as características de mudança e flexibilidade do habitus, ocorridas em períodos de longa duração. No caso alemão, podemos observar mudanças no habitus nacional que podem ser atribuídas a fases específicas do desenvolvimento do Estado. Esta afirmativa se torna clara quando Elias evidencia que vários setores da classe média alemã, ao se verem fracassados em projeto político, abandonaram os valores humanistas dos quais partilhavam para adotar os modelos militaristas aristocráticos.

Dito isto, encerro as considerações apresentando questionamentos que surgiram ao longo desta dissertação e que me possibilita a expansão desta pesquisa sob novos olhares. Refiro-me, portanto, às formas pelas quais os adeptos recepcionam tal doutrina, sobre como se dá encontro entre o mundo religioso e a realidade social deles, pois como afirma Weber (1991), “a sociedade é um conjunto de esferas que dão sentido a vida individual” (p.187). Assim, trago os seguintes questionamentos: como se constitui a agência dos indivíduos dentro do VDA? Quais são os impactos da circulação da Doutrina do Amanhecer? Elas autorizam novos pensamentos, modificam relações de poder? Como os fiéis constroem suas representações em relação à figura de Tia Neiva apresentada neste agrupamento religioso?

## REFERÊNCIAS

ARANTES, Muryel Moraes. O território religioso Vale do Amanhecer: um relato histórico, político e cultural. **Ateliê Geográfico** - Goiânia-GO, v. 8, n. 1, p.231-251, abr/2014.

BASTIDE, ROGER. **O sagrado selvagem e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. 5 ed. São Paulo: Paulus, 1985.

BONEMY, Helena. **Mineiridade dos modernistas**: a República dos mineiros. 1991. Tese (Doutorado em sociologia). Rio de Janeiro, IUPERJ, 1991.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

CARVALHO, José Jorge de. Características do fenômeno religioso na sociedade contemporânea. **Série Antropológica**, Brasília, ano de 1991, nº 114. Disponível em [www.unb.br/ics/dan/Serie114empdf.pdf](http://www.unb.br/ics/dan/Serie114empdf.pdf). Acesso em 22/06/19.

CARVALHO, José Jorge de. Um espaço público encantado. Pluralidade religiosa e modernidade no Brasil. **Série Antropológica**, Brasília, ano de 1999, nº 249. Disponível em <http://www.unb.br/ics/dan/Serie249empdf.pdf>. Acesso em 12 mar. 2019.

ELIADE, M; COULIANO. **Dicionário das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**: investigação sobre a sociologia da realeza e da sociedade de corte. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**: mudanças na balança nós – eu (1987). Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1970.

ELIAS, Norbert. **Mozart**: A sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.  
Elias, Norbert. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Volume 1: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ELIAS, Norbert. **Os Alemães**: A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

ELIAS, Norbert. The civilizing of parents. *In*: GOUDSBLOM, Johan; MENNELL, Stephen. **The Norbert Elias Reader**: a biographical selection. Oxford, UK: Blackwell, 1998.

GALINKIN, Ana Lúcia. **A Cura no Vale do Amanhecer**. Brasília: TechnoPolitik, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2014.

HAYES, Kelly E. (2013), Intergalactic Space-Time Travelers: Envisioning Globalization in Brazil's Valley of the Dawn. **Nova Religio: The Journal of Alternative and Emergent Religion**, v. 16, n. 4: 63-92, 2013.

KUBITSCHEK, Juscelino. **Por que construí Brasília**. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1975.

LIMA, Vicente Ferrer Correia; LOPES, Tomás de Vilanova Monteiro. A Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil: recursos, organização e funcionamento. **Revista do Serviço Público**. Rio de Janeiro: Administração Específica, 1959.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Mystica urbe**: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole. São Paulo: Editora Studio Nobel, 1999.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **O Brasil da Nova Era**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. O circuito neo-esotérico. *In*: TEXEIRA, Faustino, MENEZES, Renata (org.) **As Religiões no Brasil**: Continuidades e Rupturas. Petropolis, RJ: Vozes, 2006.

MELLO, Gláucia Buratto. **Millénarisme brésiliens**: contribution à l'étude de l'imaginaire contemporain. 1999 Tese (Doutorado em sociologia) Grenoble, Université Pierre Mendes, 1999.

NAZÁRIO, Moisés. **Muitos acreditam que santo italiano profetizou a construção de Brasília no século 19**. Online. Senado Federal, Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/noticias/especiais/brasil50anos/not08.asp>. Acesso em: 27 nov. 2019.

OLIVEIRA, Amurabi Pereira de. **Dinâmicas culturais e relações de reciprocidade no Vale do Amanhecer**: um estudo de caso sobre o templo de Campina Grande. Campina Grande. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal de Campina Grande, 2008.

OLIVEIRA. Amurabi Pereira de. Nova Era à brasileira: a *new age* popular do vale do amanhecer. **INTERAÇÕES - Cultura e Comunidade**, v. 4, n. 5, p. 31-50, 2009.

OLIVEIRA. Amurabi Pereira de. Nova Era à Brasileira: a New Age Popular do Vale do Amanhecer. **Interações Cultura e Comunidade**. jan./jun, v. 4, n. 5, 2009.

OLIVEIRA. Amurabi Pereira de. Religião e sociedade pós-tradicional: o caso da New Age popular do Vale do Amanhecer. **Revista Brasileira de História das Religiões**. São Paulo, v.2, n.6, p.277-290, 2010.



OLIVEIRA, Amurabi Pereira de. Religião e Sociedade Pós-Tradicional: o Caso da New Age Popular do Vale do Amanhecer. **Revista Brasileira de História das Religiões**. Ano II, 2010.

OLIVEIRA, Amurabi Pereira de. Tia Neiva e sua magia: cura espiritual no vale do amanhecer. **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro, 31(2): 207-222, 2011.

Ortiz, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro**: Umbanda e sociedade brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1991.

REIS, Marcelo Rodrigues dos. **Tia Neiva**: a Trajetória de uma Líder Religiosa e sua Obra, O Vale do Amanhecer (1925-2008). Brasília, Tese (Doutorado em História), Universidade de Brasília, 2008.

SASSI, Mario. **O que é o Vale do Amanhecer**. Brasília, DF: Vale do Amanhecer, 1980.

SCHWARCZ, Lília Moritz; STARLING, Heloísa Murgel. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

SIQUEIRA, Deis. Novas religiosidades na capital do Brasil. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 14 (1): 177-197, maio de 2002.

SIQUEIRA, Deis; LIMA, Ricardo Barbosa de (org.). **Sociologia das Adesões**: novas religiosidades e a busca místico-esotérica na capital do Brasil. Rio de Janeiro: Garamond: Vieira, 2003.

SOARES, Simone Simões Ferreira. A Importância da Antropologia Visual nas Monografias Etnográficas. **Revista de Ciências Sociais**, UFC, v. 32, n. 1/2 (Cidade e Cidadania), p. 113-119, 2001

TACCA, Fernando de. Fotografia: intertextualidades entre ciência, arte e antropologia. *In*: NOVAES, Sylvia Caiuby (org.). **Entre arte e ciência: a fotografia na antropologia**. São Palo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. p. 197214.

WILLIANS, Raymond. A cultura é algo comum. *In*: WILLIANS, Raymond. **Recursos da esperança**: cultura, democracia, socialismo. São Paulo: Editora Unesp, 2015

ZELAYA, Carmem Lúcia. **Neiva**: sua vida pelos meus olhos. Brasília, DF: Vale do Amanhecer, 2015.

ZELAYA, Neiva. **Fascículos de histórias verídicas de Tia Neiva**. Brasília, DF: Vale do Amanhecer, [1980?].

ZELAYA, Neiva. **Livro 2.000**: A Conjunção dos Dois Planos. Brasília, DF: Vale do Amanhecer, 1974.

ZELAYA, Neiva. **Livro de Leis e Chaves Ritualísticas**. Brasília, DF: Vale do Amanhecer 1974.

ZELAYA. Neiva. **Minha vida Meus Amores**. Planaltina, DF: Vale do Amanhecer, 1992.

ZELAYA. Neiva. **No Limiar do 3º Milênio**. Brasília, DF: Vale do Amanhecer, 1972.

ZELAYA. Neiva. **Série Instruções Práticas para Médiuns**. Brasília, DF: Vale do Amanhecer, 1977.

ZELAYA. Neiva. **Série Pequenas histórias**. Brasília, DF: Vale do Amanhecer, 1999.

ZELAYA. Neiva. **Sob os olhos da clarividente**. Brasília, DF: Vale do Amanhecer, [1970?].

ZELAYA. Neiva. **Tia Neiva, autobiografia Missionária**. Brasília, DF: Vale do Amanhecer, 1992.